This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
V764se
1905

A 466715

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portugueza.
VII

SENTENÇAS

DE

D. Francisco de Portugal

1.º Conde do Vimioso

SEGUIDAS DAS SUAS POESIAS

PUBLICADAS NO CANCIONEIRO DE GARCIA DE RESENDE

Revistas e prefaciadas por Mendes dos Remedios

COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1905

P. D.
V16-1 se
1901

General Lib.
Spanish-USA
Sanco·li
5-6-66
C63-197798

PREFACIO

Na presente obrinha da nossa collecção — « *Subsidios para o estudo da Historia de Litteratura Portuguesa* » encontram os raros leitores que vam animando o nosso exforço sincero e desinteressado tudo quanto nos ficou da nobre e cavalheirosa figura de velho português, que foi o primeiro Conde do Vimioso — D. Francisco de Portugal.

Sómente cincoenta e seis annos depois do seu fallecimento é que o seu neto D. Henrique de Portugal se resolvia a dar á luz as *Sentenças* « em beneficio do bom sangue, & animos nobres, & entendidos deste Reyno ». E para tanto ainda foram necessarias as instigações de parentes e amigos, senão as amistosas queixas mal contidas, como as que afloram nas brevissimas linhas da carta de D. Antonio de Attaide, dirigida ao neto de D. Francisco e seu editor, e nesta nossa edição fielmente, como tudo o mais, reproduzida.

Completam-se agora neste anno de 1905 precisamente tres seculos depois que appareceu a edição das *Sentenças*.

Tornou-se o livrinho tam raro, que a poucas pessoas terá sido dada a fortuna de o folheiarem. Para a grande maioria caiu no fatal esquecimento, cabendo-lhe sorte egual á de

tantos mais, como elle injustamente esquecidos. Essa raridade além d'outros motivos nos moveu sobretudo a publicá-lo. Mas vejamos primeiramente quem foi o seu auctor.

*

D. Francisco de Portugal nasceu em Evora, sendo filho natural de D. Affonso de Portugal que depois foi bispo da mesma cidade (1).

Os linhagistas não apontam a data do seu nascimento, mas o que nos dizem é que em 1515, a 2 de fevereiro, o creara D. Manoel conde, em attenção á prosapia do sangue que se estremara do de reis em epoca não muito longinqua (2), e aos merecimentos que o fariam grande em qualquer periodo historico, e lhe dão logar honroso na pleiada feracissima de heroes e de valentes do seu tempo.

*

Todos os escriptores antigos que tiveram occasião de se referir a D. Francisco de Portugal o fazem com expressões de encomio.

(1) « D. Francisco, escreve o sr. Braamcamp Freire no *Livro terceiro dos Brazões da Sala de Cintra* [Lisboa, M.DCD.V, pag. 292], filho de D. Affonso, bispo de Evora, primo del Rei, apresentou um instrumento feito em 6 de fevereiro de 1505, em Evora, nos paços do Bispo, pelo qual este fazia saber a El Rei que tinha um filho chamado D. Francisco, havido, quando era secular ainda, de mulher solteira ao tempo, e lhe pedia que o legitimasse. Confirmou D. Manoel a requerida legitimação, em Lisboa, a 15 de fevereiro de 1505. »

(2) Veja-se em Imhof, *Stemma Regium Lusitanicum sive Historia genealogica Familiae Regiae Portugallicae* (Amstaelodami, MDCCVIII) a *Tabula* VIII, pg. 33.

« Homem de muito preço, escreve Garcia de Resende, e grande estima, de muito credito, e authoridade, e mui sezudo, e prudente, e de muito bom conselho » (1). E o grande Damião de Goes recolhendo a tradição, que o denominara antonomasticamente *Catão português,* faz esse registo com visivel prazer, achando de summa justiça tal appellido. « Com razão podemos chamar o Catão Censorino porque tal o foi elle vivendo em saber, e prudencia, assim nas cousas da paz como nas da guerra, como nos conselhos dos reis que serviu » (2).

Resumindo em poucas linhas os serviços por elle prestados ao rei e á patria, diz na carta, adeante publicada, D. Antonio de Attaide: « Rendeo na guerra os inimigos com exforço, na paz os competidores com entendimento, na corte os galantes com estilo, enfim, naceo com pouca fazenda... mas de modo servio os Reis D. Manoel e D. João III seus Reis e seus Tios, que mereceu igualarem-lhe o Estado com o sangue. »

Podem ver-se os differentes auctores que se occupam de D. Francisco de Portugal em Barbosa Machado (3). Todos sam concordes em reconhecer no illustre fidalgo as mais distinctas qualidades de espirito e de coração. Ora tal unanimidade de apreciações não se daria se na realidade D. Francisco de Portugal não fosse o typo do cavalleiro *sans peur et sans reproche,* cujo perfil a traços sobrios, mas firmes, foi delineado pelos seus velhos biographos.

(1) *Chronica de D. João II,* cap. LV.
(2) *Chronica do Principe D. João,* cap. XVII.
(3) *Bibl. Lusit.,* II, 227.

Por isso os reis o quiseram e estimaram em tanto, que lhe confiaram as maiores honras e dignidades, que podiam ambicionar-se.

Quando D. Manoel foi a Castella para ser jurado Principe deste reino, entre os fidalgos que o acompanharam lá figura D. Francisco de Portugal.

Quando a filha do mesmo monarcha, D. Isabel, se dirigiu para Allemanha para casar com o Imperador Carlos V, da sua comitiva fez egualmente parte D. Francisco.

Nos negocios da guerra occupou D. Francisco logar muito distincto. Assim, em Arzilla, em 1509, militou com denodo e coragem dirigindo um troço de oitenta homens de infantaria e cincoenta de cavallaria (1). Em Azamor, em 1513, tomou parte activa no cerco e expugnação da afamada praça, ficando a dirigí-la depois que se ausentou para o reino o Duque de Bragança, D. Jayme.

D. Manoel e D. João III nomearam-no Vedor da Fazenda, logar de melindres e responsabilidades, que desempenhou a contento de todos. Este ultimo monarcha nomeou-o tambem camareiro-mór de seus filhos os principes D. Manoel e D. João.

Quando, avançado em annos e, por ventura, sentindo já os primeiros rebates da doença, que o havia de levar ao tumulo, resolveu acolher-se

(1) Conta Damião de Goes como elle foi um dos mais valentes fronteiros desta praça de Arzilla combatendo quando era governador o Conde de Borba D. Vasco Coutinho. Tendo o rei de Fez posto cerco á praça realisou uma sortida, na qual colheu dezasseis captivos, mas levou uma pedrada no capacete, que o prostrou, salvando-o D. Alvaro de Abrantes. (Goes, *Chronica de D. Manoel,* 8 e 9.

a uma vida mais propicia á hora do transe final. O heroe das luctas de Africa, o palaciano que vira os esplendores das côrtes estranjeiras, o que fôra figura primacial dos sequitos grandiosos de D. Manoel e D. João III e tinha nome distincto entre as mais distinctas figuras da epoca — um D. Diogo da Silva, conde de Portalegre, um D. João de Sousa, senhor de Nisa e de Sagres, um D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da India, um Tristão da Cunha, etc., etc., elle, o dicaz e fino espirito, que os contemporaneos appellidaram, como dissemos, de *Catão Censorino* (1) despresou todo esse luxo e seus prazeres e alegrias e foi viver, retirada e isoladamente, primeiro em Belem e depois em Evora.

Neste logar do seu nascimento tornou-se D. Francisco notavel pelo seu animo generoso e caritativo. Nunca um pobre lhe estendeu debalde a mão implorativa. A sua bolsa, sempre bem fornecida, era ainda assim magra para a grandeza das suas dadivas. Piedoso, a sua fé desentranhava-se em actos de bondade incessante. Dera-lhe Deus uma esposa que competia com elle em primores e rasgos d'alma, sua prima D. Joanna de Vilhena (2). Ambos de dois tinham feito dos pobres os seus protegidos. Em sua casa havia um creado com o cargo de enfermeiro — da familia e da

(1) Vid. Francisco Soares Toscano, *Parallelos de Principes e Varoens illustres*. Lisboa, M.DCC.XXXIII, pg. 273.

(2) D. Antonio Caetano de Sousa, *Agiologio Lusitano*, t. IV, pg. 273, faz a devida commemoração de D. Joanna de Vilhena, « veneravel Matrona, esclarecida pelo sangue, nobre pela virtude, heroica pela charidade... »

Parochia. Sabendo das difficuldades que atravessava a Misericordia de Lisboa, occultamente deitou, d'uma só vez, na sua caixa a quantia de tres mil cruzados (1). E nesta faina do bem se lhe sumiram os ultimos annos até vir a fallecer a 8 de dezembro de 1549. Jaz sepultado (2) no meio da capella-mór do convento de N. S. da Graça da cidade de Evora, cujo padroado D. João lhe dera (3).

(1) « ... foyse á boca da noite rebuçado, porq̃ o não conhecessem, a hũa das caixas da Misericordia, & lançou nella tres mil cruzados em ouro. Ouuio o rugido hum official da casa, que na Igreja estaua, & cuidando que erão moedas de cobre, foise zombando ao Provedor, disendo-lhe que hum rebuçado deitara em tal caixa muytos patacões, que atroarão a Igreja, & que melhor fora deitar a esmolla em prata, que não faria tanto estrondo. Mas o Provedor como estiuesse em grande necessidade, mandou logo buscar o dinheiro, & experando achar sinco, ou seis mil reis em cobre, achou tres mil cruzados em ouro, com que se remediarão os pobres, que perecião. » (Fr. Antonio da Purificação, *Chronica da Antiquissima Prov. de Portugal*, Lisboa, 1656, pg. 257 v.).

(2) No Museu Archeologico de Evora, annexo á Bibliotheca da mesma cidade, guarda-se hoje a enorme lapide que cobria a sua sepultura e a de sua mulher e que contẽem unicamente, além das armas, os nomes e as datas do fallecimento. [Veja-se Sr. A. F. Barata, *Catalogo do Museu Archeologico da cidade de Evora*, Lisboa, 1903, n.º 74]. O brazão do Conde era « escudo pendido, com uma aspa carregada de cinco escudetes das armas do reino com sete castellos na bordadura, e de quatro cruzes floridas alternando com os escudetes; timbre, cabeça e pescoço de cavallo bridado ». As da Condessa são iguaes ás do marido, com a unica differença do escudo ser em lisonja. Sr. Braacamp Freire, *ob. cit.*, pg. 292-293, onde vem transcripta tambem a letra das lapides.

(3) D. João III não gostou do edificio e deu-o, em padroado, ao Conde. Conta o auctor da *Evora Gloriosa* o passo adquado desta forma: « não lhe descon-

Tal foi o homem de quem hoje publicamos o livrinho modesto, curioso e quasi desconhecido encerrando tudo o que, sob o seu nome, chegou até nós. Como dissemos, a edição de 1605 tornou-se extremamente rara, despertando-nos essa circunstancia, ao lado dos seus meritos reaes, a idea de o incluírmos na nossa collecção dos *Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa.*

Desde que a amizade do nosso illustre bibliophilo sr. Annibal Fernandes Thomás nos permittia o uso da obra de D. Francisco para d'ella mandarmos fazer a reimpressão, não adiámos o proposito, e eis aqui o livrinho que, áparte o formato, é talqualmente o de 1605.

*

Mas não ficamos na edição de 1605. Como o auctor das *Sentenças* foi tambem um dos collaboradores do *Cancioneiro Geral,* impunha-se-nos a tarefa de tudo reunir no mesmo

tentou o frontespicio pela sua rara forma e singular extravagancia, mas quando vio a limitação do convento, teve tal disgosto que voltando para o Conde lhe disse: *Onde está o corpo d'aquella cabeça? onde estão os membros d'aquella fachada? hum convento pigmeo com hum frontespicio gigante? Ora conde, eu queria esta obra para mim, mas eu vola dou a vós, sede vós o padroeyro, e nem se ponha nella a minha empresa, nem se gravem as minhas armas.* Acceitou o Conde a mercê... » [*Ob. cit.*, pg. 344]. Que imagina o leitor que era a *grandeza* do frontespicio? Saiba que o que encantou D. João III foram « huũas estatuas de Gigantes a que chamam por antifrazi os Mininos de N. S. da Graça, que lhe dão com a sua corpulencia uns vizos de grandeza », etc. [Ibid.]. E então... como não gostou, fez a mercê ao Conde do Vimioso!

volume. E assim damos, como o leitor pode verificar folheiando o volume:

a) Uma *Primeira Parte* comprehendendo as *Sentenças* em prosa — pg. 21-40;

b) Uma *Segunda Parte* comprehendendo as *Sentenças* em verso — pg. 43-66;

c) Uma *Terceira Parte* com as poesias recolhidas por Garcia de Resende no seu *Cancioneiro Geral* — pg. 63-119.

*

A primeira parte é a mais original e interessante. A forma do pensamento é d'uma concisão modelar. E esse pensamento é, em regra, exacto e profundo. Não se divisa, através do laconismo desses ditos, a que não é extranha nem a agudeza, nem a vivacidade, a allusão pessoal, que lhe não faltaria certamente ao tempo em que foram compostos pelo seu auctor. Que lhe não faltaria... ou que não deixariam de dar-lhe, a principiar pelo proprio D. Francisco de Portugal. Pois que é claro que a sua gravidade de Catão se compadecia com essa tal ou qual malicia que tinha intuitos moralisadores. E vá a conjectura á conta dos biographos do illustre fidalgo, que se não esquecem de nos dizer como elle aproveitava as occasiões de ir repetindo as suas sentenças-epigrammas, sem indicar o nome do auctor.

« Solidas e agudas sentenças, diz o velho abbade de Sever, ... as quaes, sem declarar o auctor, repetia a pessoas illustres para lhes increpar modestamente os defeitos (1).

(1) *Bibl. Lusit.*, pg. 226, 1.ª col.

« Escreveo, diz Fr. Antonio da Purificação, dous tratados de sentenças moraes muito pias, & proveitosas, as quaes, sem declarar que erão obra sua, communicava aos grandes da Corte que entendia terem mais necessidade d'ellas » (1).

No genero paremiologico, a que pertence, o trabalho de D. Francisco de Portugal era entre nós original e novo. Foi elle quem primeiro, entre nós, cultivou esse genero.

Tenha paciencia o M. R. Padre Mestre Fr. Pedro Monteiro, consciencioso Qualificador do Santo Officio! Fazendo a *Censura á Collecçam Politica de apophthegmas memoraveis, Parte I. Dedicada á Augusta, e Real Magestade de ElRey de Portugal D. João V nosso Senhor por Pedro Joseph Suppico de Moraes Seu Moço de Camera* (Lisboa Occidental, na officina de Antonio Pedrozo Galrão, 1720) diz o historiador da Inquisição portuguesa: « *Obra tam singular* [a de Suppico] *que he a primeira que nesta materia, na lingua portugueza sahe á luz, e mais superior a todos os mais livros que della andão impressos em idiomas differentes...* »

Não! Padre Mestre, tenha paciencia, olhe Vossa Reverendissima que quem o desmente é este mesmo gracioso Suppico que polvilhou a sua *Collecção Politica,* mas sobretudo a sua *Collecçam Moral,* dos dictos e apophtegmas do Primeiro Conde do Vimioso. A obra de Suppico foi precedida das *Sentenças* de D. Francisco, que são, demais, suas proprias, e não collegidas, como as de Suppico. Façamos justiça, Fr. Pedro!

(1) *Chronica da antiquissima Prov. de Portugal,* pg. 258, 1.ª col.

*

Na *Segunda Parte* vêem *Outras Sentenças em verso do mesmo Conde.* Reproduzimos o texto de 1605, simplesmente e unicamente, resistindo á tentação que por vezes tivemos de lhe preferir as variantes que conhecemos e constam

a) d'um Ms. da *Bibliotheca de Evora* do qual vimos e estudámos uma cópia tirada pelo sr. A. F. Barata ha annos, hoje pertencente ao sr. Annibal Fernandes Thomaz. Collaccionando o texto impresso com este Ms., já este distincto bibliographo apposera á margem as variantes. A ordem das trovas está tambem muito alterada.

b) Na Bibliotheca da Universidade ha tambem um Ms. recentemente adquirido (1) com o titulo de *Flores de Poesia de diversos Autores,* sem nome do collector, nem anno, podendo inferir-se que será dos fins do seculo XVII ou principios do XVIII. A pag. 47 começam as trovas « Do Pr.º Conde do Vimiozo » com a seguinte estrophe:

Muito vence quem se vence
Muito diz quẽ não dis tudo,
Ao discreto pertence
Atempos fazer-se mudo.

A terceira trova diz:

Grande fazenda he o sizo
Aquem delle sabe uzar
Nunqua vi aproveitar
Falar mal em perjuizo.

Ora estas trovas e muitas das que se lhe seguem não apparecem no texto impresso que

(1) Junho de 1904.

damos. Por outro lado apparecem reproduzidas tambem no Codice $\frac{\text{CXIV}}{2-2}$ de Evora, em parte recentemente publicado pelo sr. A. F. Barata com o titulo de *Cancioneiro Geral continuação ao de Garcia de Rezende e avaliado pelo dr. Th. Braga (1903)*, pag. 167 e seguintes.

Não ha duvida de que estas trovas sam de D. Francisco de Portugal. Porque não entraram na edição de 1605?

Sem duvida porque o seu editor D. Henrique de Portugal as não conhecia, senão tê-las-ia dado. Mas quando D. Antonio de Attaíde espertou os brios, indifferentes ou adormecidos, por estes pergaminhos avoengos ao neto, tinha o Avô desapparecido havia meio seculo, tempo mais do que sufficiente para fazer adormecer no pó do esquecimento muita gloria authentica.

Das sentenças de D. Francisco haviam de correr, dado o gosto em que cairam, copias numerosas. Umas seriam mais completas e mais correctas do que outras. Que fez D. Henrique de Portugal? — Publicou uma d'ellas, e julgou-se quite com os manes do seu illustre antepassado.

Ora nós podiamos ter reunido aqui as trovas ineditas existentes nos manuscriptos de que acabamos de dar conta. Podiamos ter dado as variantes, tambem. Mas valeria a pena de impor-nos esse trabalho? Ganhava com isso o nome de D. Francisco de Portugal? Advinha vantajem de qualquer especie á litteratura patria? Não nos parece. Grande ou pequena, tal como é, a immortalidade do primeiro Conde do Vimioso estriba-se inteiramente

nas *Sentenças* que já nos sam conhecidas. Não ha uma nota de maior originalidade nas trovas que não entraram na ed. de 1605 e, por consequencia nesta nossa; não ha um aspecto novo para a vida ou biographia do seu auctor. De mais, o texto destas *Sentenças* em verso principia

Que grande espanto he cuidar
Como se sustem o mundo
Quam perto está de pasmar
Quem ás cousas vê o fundo.

Pois bem!

O Ms. de Evora dá em primeiro logar a trova

Que grande semsaboria
E' ver mundo e conhecê-lo
.....

que é a penultima do impresso, e o Ms. da Bibliotheca da Universidade principia

Muito vence quem se vence
Muito diz quem não diz tudo
.....

Que ordem admittir no meio desta barafunda? E para que?

Fica indicado o problema. Para o nosso intuito nada mais é preciso.

*

Na *Terceira Parte* publicamos as poesias que se encontram no *Cancioneiro Geral,* seguindo o indice e portanto a ordem geral indicada nos *Indices do Cancioneiro de Rezende e das Obras de Gil Vicente,* pag. 24-25 (1). Supprimimos tam somente as poesias espanholas, aliás, em numero deminuto. Como o leitor poderá verificar pela leitura das poesias

aqui publicadas, a expontaneidade de metrificar não é defeito de que se possa apodar o illustre Conde, expontaneidade avivada, de mais, pela galantaria d'alguns dos themas, ás vezes pequeninos nadas, tão queridos dos poetas do *Cancioneiro Geral*.

Os auctores dos *Indices* acima referidos escrevem no prefacio do seu trabalho, alludindo ao valor d'aquelle thesoiro de antiguidades nacionaes, mais estimavel sob este ponto de vista do que como documento litterario: — « Ha ahi minucias interessantes que em balde se buscariam nas chancellarias e nas chronicas, de usanças velhas, de trajos, de alfaias caseiras, de relações familiares do Rei com a sua Côrte, de amisades e inimisades dos cortesãos entre si, do papel que as senhoras representavam na sociedade alta, das liberdades hoje inadmissiveis, então moeda corrente, do pendor epigrammatico e faceto do espirito variavel, da bonhomia do viver antigo, das tendencias eruditas de alguns versejadores, dos filhos da Renascença, para o culto dos classicos romanos, das microscopicas maledicencias em que se entretinham os cavalleiros, quando descançavam em Evora ou Almeirim, das fragoas de Arzilla ou Azamor, e ha tambem embuçadas referencias genealogicas e historicas que, observadas com criterio, dão luz á Historia Geral ».

Quem alguma vez olhou para as paginas do *Cancioneiro* sabe quanto isto é verdadeiro e exacto. As poesias de D. Francisco de Portu-

(1) Trabalho de valor publicado pelos srs. Julio de Castilho e Braamcamp Freire em Lisboa, em 1900. E' de lamentar que os distinctos auctores de tam util quam proveitoso trabalho limitassem a sua tiragem apenas a 20 exemplares.

gal aqui publicadas o confirmam amplamente a todos, e o deixarão adivinhar aos que nunca entretiveram momentos de leve curiosidade ou de afadigado estudo na leitura das paginas amarellecidas da edição *princeps*, ou nas da edição correntia, mas exacta, de Stuttgard.

Escrevem ainda os illustres investigadores: — « Sendo, como é, pouco *poetico* (segundo a accepção culta da palavra), prova ainda assim este *Cancioneiro* o poder latente mas irresistivel que teve sempre a poesia perante as grandezas sociaes. Percebe-se por esta collecção anecdotica, tão livre e tão viva, que os versos em geral agradam á nossa côrte. Adivinha-se quanto o orgulho nativo dos nobres e fidalgos da primeira plana confraternisava de bom grado com o estro de letrados burgueses. A arte principiava, no campo litterario, uma especie de democracia, por que assim o digamos, que irmanava n'um pensamento egualitario esses a quem o sangue e os haveres dissociavam ».

As poesias do 1.º conde do Vimioso provam ainda a exactidão deste asserto. Austero e grave como era, tam piedoso e tam crente, não hesitava ainda assim de entreter-se com as futilidades das occorrencias do paço, misturando a sua veia comica á dos demais trovadores, replicando-lhes ou excitando-os á replica.

Elle não desdenha de fazer trovas « *a uma Senhora que em um serão pôs os olhos num homem* » (pag. 109), ou de lamentar-se porque « *passando sua dama do coro, lhe fecharam uma porta donde a via* » (pag. 80), ou de replicar aos graciosos Luís da Silveira e João Rodrigues porque « *lhe dirigiram trovas por trazer no barrete um coração de ouro* » (pag. 82), etc., etc.

Mas que o sentimento e a emoção tambem lhe assistiam vê-se, entre outras, desta

Cantiga sua

S'alguem deseja prazer,
Viva em no esperar,
Que todo o mais ha de achar
Maneira de o perder
Diga-me quem alcançou
Bem algum que desejasse,
Se nunca tanto folgou
Que d'isso se contentasse.
E pois s'acaba o prazer,
Que s'espera em s'alcançar,
Quem esperar de o ter,
Nam ouse de o tomar (1).

Não parece estarmos ouvindo o thema favorito a tantos poetas pessimistas do nosso tempo, que tam laconicamente, naquella sua inimitavel linguagem, sobrio mas tragico como nos traços de Goya, Bartrina expôs?

Si al ser feliz creo serlo
sufro en mi dichoso estado,
porque me hace desgraciado
sólo el miedo de perderlo,
y si estoy bien sin saberlo,
pues no lo sé, no lo estoy.
Asi, mañana como hoy.
ser feliz nunca podré,
pues si lo soy no lo sé...
si lo sé... ya no lo soy (2).

MENDES DOS REMEDIOS.

(1) Vid. adeante, pag. 71.
(2) *Algo,* Barcelona, 1884, pag. 119.

SENTENÇAS DE DOM FRANCISCO DE PORTVGAL PRIMEIRO CONDE DO Vimioſo.

Impreſſas por ordem de Dom Anrique de Portugal ſeu Netto.

Deregidas á Nobreza deſte Reyno.

COM PRIVILEGIO.

Impreſſas por Iorge Rodrigues Anno de 1605.

Aprouaſſam do santo Officio.

VI eſta obra intitulada ſentenças do primeiro Cõde do Vimioſo, Dom Franciſco de Portugal. Não tem couſa que impida poderſe imprimir, & parece parto digno de ſeu nobre entendimento, polida lingoa, & pena, virtuoſa tenção. Dà ſaudaueis documẽtos & diſcretas obſeruações para os cuſtumes, particularmente de gente entendida, & honrada que neſtas ſentenças na letra breues, & largas na comprenſaõ, acharà muita inſtruſaõ de prudencia, & hõra, com reſguardo de virtude: couſas que muytos homẽs ſabem mal conformar, tẽdo ellas entre ſi grande conformidade. Pello q̃ he obra digna de luz, & impreſſaõ. Em Lisboa a 13. de Ianeiro de 1598.

Franciſco Pereira.

VISTA a informaſsão podemſe imprimir eſtas ſentenças, & depois de impreſsas tornem a eſte Conſelho com o original, & ſe dar licença para correr em Lisboa a 22. de Ianeiro de 1598.

O Biſpo de Mirãda. Marcos Teixeira.

Podemſe imprimir eſtas ſentenças.

Saraiua.

QVE ſe poſſaõ imprimir eſtas ſentẽças, & que ſe paſſe preuilegio por tẽpo de dez annos a 19. de Setembro de 1605.

Damião Daguiar. Pero nunez da coſta
Belchior do aMaral.

DOM ANRIQVE DE PORTVgal.

A nobreza deſte Reyno.

AINDA que a minha particular inclinação me não cõſtrangera a deſejar de fazer muytos ſeruiços â minha patria, & à nobreza della, he tam natural a obrigação q̃ todos temos de o procurar aſsi quanto em nos for que com muita cauſa me reprendia o Senhor Dom Antonio d'Attayde meu cunhado em hũa carta ſua ha muitos dias de não ter feito imprimir eſtas ſentenças do Conde meu Auò em beneficio do bom ſangue, & animos nobres, & entendidos deſte Reyno & cõ muy pouca (leuado da amizade & parenteſco que temos) lhe parecia que era eu ſugeito digno de ſe me dirigir o volume de hũa tam excelente, & neceſſaria doutrina, para todos os que quizermos aprender a ſer honrados, & a conſeruar a verdadeira nobreza, & os bons coſtumes della, fonte tam antiga, & tam clara ſempre neſte Reyno pola qual noſſos paſſados beberão com tanta ſede tãtos trabalhos, & perigos, para que nos alograſſemos

ſem elles, mas não com hum tal deſcuido que a penas ſe achẽ ja oje nas praças as reliquias deſta meſma nobreza, ſe não ou mal compoſtas, ou bem contaminadas da cobiça, & ſe com valor ainda, pellos cantos abatida, & deſprezada, mas porque so nella ha inda algum bem (ſe o temos.) A eſta verdadeira nobreza onde quer que eſta minha entenção a achar, me pareceo rezão dedicarenſe eſtas ſentenças, & no a outro algum particular ſogeito, quanto mais ao meu entendimento a que todauia deuo ſaberſe reprender nellas. E tambem me pareceo que erraria contra eſte meu intento & deſejo de ver outra vez ò ſer, & a nobreza da patria em ſua antiga perfeição ſenam mandaſſe imprimir a propria carta de meu cunhado inda que elle a nam fizeſſe para iſſo, pola onra que a meſma patria ganha em ſe ſaber que ouue nela hum tal ſogeito, & para que nos eſperte, & anime o eſtimulo da emulação onrada a ſeguir cõ mais goſto o dificil caminho do melhor, & aſi porq̃ das muitas, & grandes partes do Cõde meu auò poſto q̃ eu ſoubera dizer tambẽ, & tanto em muitas mãos de papel como a carta diz em tam poucas regras não ficaua o meu teſtemunho do ſeu merecimento ſem ſoſpeita, pois lhe ſou tanto, & confeſſo que mais ainda por affeição que por rezão de parenteſco, & ja que aquella carta me tira de tamanho trabalho, neſta me quero eu tambem liurar do outro que de ordinario ſe toma em ſe querer cada hum congraçar ou ſanear o melhor que pode com

os mormuradores. Por iſſo não morra ninguẽ de abafado, & diga embora o que lhe parecer deſta minha ouciofidade, & deſejo de hũa couſa tam impoſſiuel como muito bem entendo que ja oje o he tornarſe cada hũa a ſeu diuido lugar comtanto porem que os tais calumniadores, ou corteſaõs do tempo exercitem primeiro em todas ſuas acções o que as ſentenças aprouão, porque quem o aſſi não fizer nem fallar deuia tambem, pois de força auemos de confeſſar que nos falta onra, ou entendimento quando não ſeguimos o bom, ou pello menos o não aprouamos. E não fallo ja nos que zombam de tudo o que nam ſabem, ou para que nam preſtão por indinos de ſe fazer menção delles em obra que ſe dedica ao ſangue, & ſer da nobreza de Portugal.

DOM ANTO
NIO D'ATTAIDE

a Dom Anrique de Portugal.

E tamanha obrigação de V. M. pois em tudo ſe parece tanto cõ aquelle primeiro Cõde do Vimioſo Dõ Franciſco de Portugal ſeu auó dar ao mundo o retratto do ſeu animo que auendo de fazer outrem merecimento depublicar as ſuas ſentenças, eu entendo q̃ V. m. deue dár deſculpa de o nam ter feito, & não ſei eu qual a V. m. tenha de lograr ate agora eſte bẽ ſem o comunicar ſe nam ver o mũdo tão deſcompoſto q̃ não merece perfeições, & tam perdido q̃ lhe não approveitarão eſtes remedios, mas ſe Deos dilatàra a Redempção te quãdo vniuerſalmente ſe ouueisẽ os homẽs de aproueitar della, & ternamente eſtiuera o Ceo fechado. Baſta que algũs ſe approueitem deſta lição para que a troco diſſo ſe ſofra eſperdiſarſe em outros. Em quanto Epicteto viueu ſempre teue emulos, deſpois aſſi deixou conhecido, e uenerado o ſeu nome que ſò pella ſua memoria derão tres mil drachmas pello ſeu candieiro de barro, & o ſeu Enchiridion q̃ he

hũ volume em tudo menor que eſte, he de tanta eſtima como ſabemos. Era Epicteto hum filoſofo gentio que ſò eſta parte tinha. A eſpada de Roldam tem S. M. na ſua inſigne armaria para ornamẽto daquella caſa, & sò nas armas foi abalizado eſte famoſo caualeiro. Nas mais curioſas galarias dos Principes ſe acha o retratto de Virgilio, & ſo a poeſia lhe eterniza a memoria. Aſſi que hũ ſo atributo excelente baſta fazer immortal a fama de hum homem, & de grande preço qualquer reliquia ſua. Quando morreo eſte Conde voſſo auò dizia o primeiro Conde da Caſtanheira meu auò (ambos contemporaneos, ambos do Conſelho do eſtado, ambos da eſtimação do Rey, & da veneração dos homẽs) que não ficaua ja com quem eſtar mal nem bem. No Conſelho do eſtado do Emperador Carlos quinto ſe conhecia pella ſuſtancia & termo das cartas de Portugal ſe aſſiſtira ao voto & nota dellas o Cõde do Vimioſo, em Africa ſe venceo muitas vezes com ſeu valor & peſſoa a ventagem de gente com que os mouros pelejauão. E aſſi rendeo na guerra os enemigos co esforço, na paz os competidores co entendimẽto. Na Corte os galantes co eſtillo, em fim naceo com pouca fazenda, ſendo per linha maſcolina treſneto del Rey Dom Ioam o primeiro. E pola femenina do Condeſtabre Dom Nunoaluarez por cujo valor o meſmo Rey alcançou o Reyno, & a tittulo de glorioſa memoria; mas de modo ſeruio os Reis Dõ Manoel, & Dom Ioam o terceiro ſeus Reis, & ſeus tios

que mereceo igualaremlhe o eſtado cõ o ſangue inſtituindo eſſa grande caſa do Condado do Vimioſo q̃ durarà aſſi grande para ſempre pois a deixou chea de vaſſallos com muitos contos de renda, & a faz rodeada de ſocceſſores. & fundada ſobre merecimentos peſſoaes que sam mais seguros alicerces que os da valia. Não temos couſa ſua q̃ mais no lo repreſente que as ſuas ſentenças pellas quaes no modo que pode ſer ſe alcança a immortalidade. Saõ poucas: mas tambem a linha de Apeles era hũa ſó & nella entendeo elle que moſtraua mais que em todas as outras obras a excellencia da ſua arte. Nam ha q̃ temer dos murmuradores porque ellas ſe defendem & quando ouuer quem ſe lhes atreua ellas o caſtigam, voſſa merce deue dar ordem com que eſtas ſentenças ſe imprimaõ, ou licença para que outrem o faça & lhas dirija pois lhe he tam diuido, & acodirá com iſſo aos vicios que ha nos traslados que andam eſcritos. Reſuſcitarà neſte Reyno a pureza com que os paſſados tratavam a honra, & reſtituyrà aos homẽs eſte legado que lhes deyxou o entendimento do Cõde q̃ a quem o eſtimar como elle merece, he diuida & nam tem outra ſatisfaçam; Noſſo Senhor guarde a voſſa merce, & elle permita que em ſeus filhos veja leuantarẽſe outras duas caſas que paſſem muyto alem das do Vimioſo & Caſtanheyra de q̃ deſcendẽ.

De Alcobaça a 10.
de Ianeiro.de
1601.

Ao Leyctor.

E OVVER algũ eſtudioſo q̃ tenha lido o conceito d'algũas deſtas ſentenças que ſeram poucas, em outros authores, aduirta que ſempre o Conde andou tam occupado no ſerviço da guerra, & da paz que não teue lugar para ſe empregar no eſtudo, & não he de eſpantar toparemſe os engenhos diferentes em hum meſmo conceito, que à não ſer aſſi, ou os homẽs antes de falar ouuerão de ler, ouuir tudo quanto eſtà ditto da criação do mundo te os ſeus tempos, & conſeruar toda a lição na memoria, para aſſi ſer imitado tudo o que diſeſſe, ou dirião couſas nunca dittas. O primeiro nam pode ſer conforme a meſma natureza pois para alcanſar a perfeição da medicina que hũa ſciencia ſo achava Hypocrates as vidas breues, & a Arte longa. O ſegundo he tambem impoſſiuel conforme à verdade da eſcrittura em que Salamão affirma que nenhũa couſa ha de nouo no mundo, & aſſi fica quaſi forçado o encontro dos engenhos, & cada hum no termo fará a ventagem conforme

a melhoria do eſtilo, mas iſto não tira a eſtimação às couſas te as de menos importancia que a meſma muſica; & os meſmos muſicos folgamos de ouuir com pequeno interualo. Neſte volume tam pequeno ſe achará tudo quanto conuẽ para conhecer o mundo, & para proceder nelle cõ alma & honra, & com tam breues termos & tam eficazes como ſe logo pode ver nas primeiras duas ſentenças em que o liuro começa.

(.?.)

Dom Antonio d'Attayde ao primeiro Conde do Vimioſo Dom Franciſco de Portugal.

SONETO.

DIscurſos, verſos, chronicas & canto
Conceitos altos encarecimẽtos
Ou leuantão comũs merecimentos
Ou não chegão ao que merece eſpãtos

E inda daqui paſſais porque de quantos
Eſpiritos vimos, & procedimentos
Nenhũ excedeu aſsi os entendimentos
Com excelencias de attributos tantos.

O muyto louuaſſe, & onde o eſtilo falta
Faz a alma ſacrificio da vontade
Mas iſto he nos objectos q̃ comprende

Que quando do ſogeito a dignidade
Paſſa do entendimento a Idea mais alta
Para o eſpãto, & o louuor ſò a fé s'eſtẽde.

Nuno de Mendoça ao meſmo Conde do Vimioſo.

SONETO.

DIuino ſpirito que naquella ydade
Em que a ſciẽcia não era conhecida
Dos voſſos naturais por vos erguida
Com as armas lhe deſtes igualdade.

Bem vieis ja do tempo a variedade
Que falta cõ afirmeza mais diuida
Quando a ſegunda Caſa mais ſubida
Fundaſtes co ſaber na eternidade.

Vede pois em lugar do em que falece
Fortuna a valeroſos ſò avara
O premio digno deſſe spirto altiuo.

Vereis hum raro engenho q̃ engrandece
De nouo voſſas obras, & as ampara
Hum netto què vos tem ind'hoje viuo.

Ao mesmo Conde, de Dom Anrique de Portugal seu Netto.

SONETO.

Grande proua de quãto excede a tudo
Este ilustre varão, & generoso
Até no em q̃ cada hum raro & famoso
Para se eternizar pòs mais estudo.

E final que não sò foi o mais sisudo
E nas fortunas ambas valeroso
Mas que ante o seu engenhò milagroso
Inda o mais leuantado fica rudo.

He ver que professando gouernar
O Reyno em q̃ naceo & a que deu ser
Em toda a occasião tempo, & lugar.

Acaso & sem cuidar soube escreuer
O que elle sò viuendo soube obrar
E o que nunca ninguem soube dizer.

PRIMEIRA PARTE

SENTENÇAS
DO PRIMEIRO CON
de do Vimioſo Dom Franciſco de Portugal.

O BEM ſe deue crer de todos, & de ninguem o mal ſem proua.

Quẽ perde honra por negocio, perde o negocio & a honra.

Sem ſam tenção, não ſe pode ter amigo.

Quẽ ſe cria em pouquidades, quer & entende cousas pequenas.

O grande eſpirito he igual, & riguroſo.

O freyo do bom he Amor, & o do mao he temor.

As palauras do mao ſam manjar ſaboroſo com peçonha.

Melhor ſe reſiſte á força do mao, que à conuerſaçam.

Os bons ſabem bondades, & os maos ſabem malicias.

Os maos ſaõ camalioẽs do Rey.

O mao ouue o mal, e o bõ o bẽ.

Culpa fea he mentir, mas muito mais mentindo ao verdadeyro.

Os puſilanimos prezãoſe do q̃ tem, & os magnanimos das obras que fazem.

O grande coração não permite louuor preſente.

O errar he tolerauel, e o mao zelo he cutello da Republica.

Ouuir maos he criar maldades.

O mal dizer he treição, e ouuilo he conſentila.

Os contrafeitos ſaõ ſeruos do engano.

A quem aborrecem maldades fuja dos homẽs.

Para mandar, conuẽ zelo e rigor.

A deſcrição adjectiuaſe com a condição.

O homẽ que mente he inſtrumẽto deſtemperado.

O ſer de todos os eſtados eſtà em cujos ſam.

No ſaber ha igualeza, e na ignorancia contumacia.

Os fracos morrẽ apos a vida.

O ſaber ſem inteireza he hũa roda de vento.

Os maos deſconfião de todos, e os bons dos que conhecem por maos.

De fogir he donde a experiencia nam enſina.

Toda deſigualeza deſtrue.

A prouidencia vence os maos acontecimentos.

Calando ſe deſonra quem com medo ſe cala.

Os que nam ſabem, tudo lhes he danoſo.

Antre ignorantes mais dano faz o cobiçoſo, q̃ o ladrão.

Adquerir proueitos he louuor do ſiſo, e culpa da vontade.

O galardam do paſſado he virtude, e do porvir mercadoria.

O magnanimo tẽ a honra dos ſeus por ſua.

Quem ſegue a alma ſacrifica o esforço.

A ignorancia eſcandaliza o entendimento.

Ao ignorante aborrece o entendido.

O homem palreiro faz ſeu amigo mudo.

Onzeneiros ſaõ os amigos por cobiça.

O roim cuida que he induſtria a maldade.

Na deſordem perdeſe o bom cõſelho como a ſemente entre as eſpinhas.

O que eſtà na peſſoa ſe deue eſtimar; tudo o mais he da fortuna.

Facil he ao ſabedor aprazer ao mao, ſe quizer errar.

Ás vontades corrompidas he nojoſa a rezão.

Bem baſta para deſprezar o mundo, ſerem os homẽs julgados pellos homẽs.

Viuer entre errados he vida inficionada.

O pouo quer, entẽde o q̃ ſe uſa.

Cobiça e medo deſtruem a republica.

Quem tem vontade nam tem rezão.

Por muito q̃ os homẽs ſaibam viuem às eſcuras.

O homem deue ſer o tenor do homem.

O poder endurece os maos, e juſtifica os bõs.

Couſa deleitoſa he ao bom obrar virtudes.

O coração falço ſempre ſe muda, & o bom he ſempre hũ.

Não ha amizade no cobiçoſo.

Os timidos roubão a ſi meſmos.

A juſtiça como as mãos do ſorurgião com quanta mais leuidão cura melhor he.

Ao corrutto parece mal o alheo, & bem o ſeu.

Ao poderoſo conuem punir os erros, encobrir os defeitos, apregoar as virtudes.

Perdido he o tẽpo quando ter rezão não confia.

A deſeſtima dos bons dá ouſadia aos maos.

Os entendimentos errados gerão danadas tenções.

Não ſe deve deixar couſas licitas por cautellas humanas.

Neſte tẽpo ou todos ſam maos, ou ſe diz mal de todos os bõs.

Para aconſelhar, & ſer aconſelhado conuem o entendimento nù da vontade.

A lingoa do maldizente, e a orelha do que o ouue ſão irmãos.

Os velhos ſam quem elles ſam, nam os honrão ſeus Pays.

A verdade da boca do mao deuese tomar com ſalua.

Corruto gouerno he uſar primeiro do fermoso que do neceſſario.

Onde o primeiro intento he malicia, o derradeiro não ſerà virtude.

Se culpas a vida alhea ſeja cõ o teu exemplo, & não com o teu entendimento.

Dos pequenos as culpas ſe chamão grandes, e as dos grandes pequenas.

Grande doudice he que tuas culpas não vejas, e as alheas te eſpantem.

Não mudes vida ſem primeiro a teres mudada em ti.

Quanto mais ſouberes te eſcandalizará mais a malicia, e menos a ignorancia.

Tempera com as tuas orelhas a lingoa alhea, e cõ a tua as orelhas alheas.

Das vidas alheas, e da tua deues compor a mezinha para ti.

Ser bom ou mao he goſto de cada hum.

Aſſi ſe eſtima a couſa como ſe ſabe julgar.

Os maos inquirẽ para danar, e os bõs para approueitar.

Do coração ſem ambiçaõ apenas ſe queixa ninguem.

Quem bem cuida o que quer entende em quam pouco ſe emprega.

Quem muyto eſtima couſas pequenas nunca faz nenhũa grande.

As obras falem, & as pallavras calem.

Quem de nenhũa culpa ſe offende nenhum mereçimento o obriga.

O mimo, deſenſina.

O fiel ſeruidor não deue ſeruir a quem delle ſenão fia.

De todos deſconfia o coração culpado.

O mao mais facilmente erra contente que deſprezado.

Ninguem ſe fia de quem delle ſe não fia.

O amor do amigo tempera as mâs inclinações do amigo.

A ingratidão indigna, & deſtrue.

Quem nam ſente o mal alheo, nam sente ninguem o ſeu.

O que ſenam faz com rezam nam ſe ſofre por vontade.

Quando na Republica a monda crece, os bons não vem a lume.

Falſo he o parecer que primeiro ſe recebe da võtade que do entendimento.

O ſoberbo contra o fraco, he fraco contra o forte.

Quem não ouue a rezão do pobre, louua a semrezão do poderoſo.

Os altos penſamentos ſam pendença de ſi meſmos.

A ſobeja confiança faz desfallecer nas obras.

Eſpanto he poder mais em ti o teu reſpeito q̃ a tua rezão.

A triſteza com eſperança aguça o entendimento, e a deſeſperada consume-o.

Os prudentes louuão os fundamentos, e os ignorantes os ſoçedimentos.

O ſandeu fauorecido perde o tino de ſi mesmo.

Se a mentira he em ſi disforme que ſerão os que a ſeguem.

O virtuoſo não ſegue o proueitoso.

Onde as verdades falecem os enganos preualecem.

As malicias ſe entendão com a rezão, & as virtudes com a vontade.

Saber comum, he tormento do ſeparado.

A verdade nam ſofre deſimulação.

A culpa de quem ſe ama doe mais, & perdoa-ſe mais aſinha.

Falar he cõ mouco dâr rezão a quem nam entende.

As más ſoſpeitas deſtruem as verdades.

Quem tiuer mando nam tema para ſer obedecido.

Não pede louuor quẽ o merece.

Os enganos valẽ cõ os enganos.

Aos Principes conuem emmendar não somente as obras mas as tenções.

A natural inclinação vence tudo.

Coſtumes bons ou maos como ſe prezão ſe uſam.

Apetito he grande vicio.

Para conhecer quem cada hũ he, não ha differença de eſtados.

De mao he ſer contrafeito.

O coração confiado, e a rezão deſconfiada ſaõ para feitos grandes.

O homẽ ſômente a Deos, & a vergonha deue hauer medo.

Tudo obedece à rezão ſenam o deſarezoado.

Grandes louuores ſem inteireza não se ganhão.

Os pufilanimos abatem os entendimentos.

Os homẽs que não fentem fam tanto peor que beftas quanto nelles defgenerou a natureza.

Dura coufa he ao fabedor fer fogeito ao ignorante.

Affi como cada hum he, affi enfina.

Não fe deue conuerfar com o meftre dos mal enfinados.

A vergonha he freyo das culpas, & a verdade das defordens do mundo.

A homẽ desamorado não fe pode ter amor.

O ignorante em companhia de roins he peor q̃ nenhũ delles.

Aquelle que no baixo eftado viue inteiramente no alto fora auido por fingular.

A coufa que mais enfada he ignorancia importuna.

O fobreefcrito dos homẽs he culpa.

O ambiciofo porfia, & não confira.

A verdade he dura nos vicios, & doçe nas aduerfidades.

Rezões aparentes deſtruẽ os eſtados.

A rezão alhea deue ſer adjectiva, & não ſuſtantiua.

O ſaber comũ aproua o q̃ ſe vſa.

Quem não eſpera não obra.

A eſperança conforta a alma, honra, e vida.

Muyto deue de doer a torcedura da rezam.

A conuerſaçam eſcandaloſa argúe zelo danado.

O ignorante aprende, & o juizo errado deſtrúe.

Mao he quẽ de todos deſcrè.

O mao he ſolto & o virtuoſo encolhido.

O eſtado dos Reys ſam os homẽs, o que os tem melhores he mais poderoſo.

Não ſe vanglorie o grande, nẽ ſe queixe o pequeno, ondas ſam que com o tempo crecẽ, & mingoão.

Se me deſcontento do que tenho pello que outros tem, porque mouro apos couſas tãto menos das que outros tem.

Se a inueja me faz pobre, nenhũa couſa me farà rico.

Não ſe deue muyto deſejar o q̃ pode aborecer.

Quem ſe não vence da ſua rezão não pode julgar a alhea.

Quem não ſabe fallar, não ſe ſabe calar.

Quem ſe determina, não acha menos nenhũa couſa.

O poderoſo deue ſomente vſar do poder da rezão.

O malicioſo ouue para tachar, & o bom para aproueitar.

O mao crè as maldades, & o bõ crè as virtudes.

O mao zelo empeçonhenta o entendimento.

Ao bom ſomente o obriga o que a virtude obriga.

No em que pode hauer riguroſos fins he erro ſerem muyto brandos os meyos.

O Rey deue de ſer triaga contra a mentira.

O Cõſelho deue ſer de muytos, & a eleição do aconſelhado.

Não ha buraco no mũdo para eſcapar do mundo ſe não Deos.

O mao vence-ſe cõ neceſſidade, & o bom com o q̃ deue fazer.

Onde a rezão ſe não ouue, doudo he quem ſe não calla.

A ventura não vence o merecimento antre ſabedores.

Quem não emmudece vendo q̃ falla com as orelhas dos homẽs, & não com os corações dos homẽs.

O obrar eſta em ſeu dono, o conſelho a como ſe melhor fara ſomente abrange.

A natureza humana com força ſe juſtifica.

Muytas vezes ficão em louuor as culpas nos maos juizos.

O primeiro conceito do bom he cuidar de todos bem, & o do mao de todos mal.

Quem furta nas bonãças faz treições nas aduerſidades.

As obras ſem eſperança ſam como corpo ſem alma.

Menos mal he a culpa propria que ajudar a alhea.

A ambição não ouue a rezão alhea.

Na opinião geral do paſſado ſempre fica louvado o bom.

Os homẽs ſam jornaleiros do mundo, paga mal a quem o deſpreza.

O bom cuida que todos vem a ſua verdade.

Quem ſe quer vender não ſe deue comprar.

O caſamento peza no muyto, & deſcança no pouco.

As palauras dos Reys edificão os homẽs.

Quem em ſi muyto crè não he digno de aconſelhar.

O conſelho deue de ſe cõformar com o ſer do aconſelhado.

A maldade, & a deſcrição ſaõ os pilotos do mundo.

O coração liure deſpreza tudo o que errando ſe ganha.

Aſſi ſe deue viuer q̃ os defeitos alheos não eſcandalizẽ.

Ignorancias, & fraquezas fazem afear as alheas.

Os conſelhos deſconfiados deſenfreão as ſem rezões alheas.

Mais ſe mente aos Reys calãdolhe verdades que dizendolhe mentiras.

Ter paciẽcia amiga os bons, & enſoberbece os maos.

Quem ofende na peſſoa, nella deue ſer caſtigado.

A ira queima o entendimento.

O palreiro he vaſilha sẽ fundo.

Tal deue de ſer a graça que goſte della por quem ſe diz.

Ao ignorante ſempre aborrece o ſabedor.

O fraco de todos diz mal em ſegredo.

Na culpa do amigo delle ſe deue fazer o juiz.

Emprender obras onrradas, deſonra mais quem não tem onra.

Com grandes determinações, não lembrão inconueniẽtes.

A honra ſupita eſtá no rigor, & a cuidada no acertar.

As vidas dos hipocritas ſam teſtemunhas falſas.

A verdade dâ a eſtima, e a mentira priuança.

Com hum pouco de mais conhecimento ſe puſerão as obras de cada hũ em jogo forçado.

Quem não he prõpto no ouuir não ſe deue eſcuitar.

A ignorancia tem a deſcrição por malicia.

A quem não cre verdades dizem mentiras.

O poderoſo deue ſer ſogeito à rezão dos feus, & liure à ſem rezão dos eſtranhos.

O verdadeiro a ſi mais que a todos deſeja ſatisfazer.

Nunca ao bom aborrãceo quẽ contra elle fez o que deuia.

Grandes odios de ſem rezões ſe cauſaõ, os outros leuemente ſe curão.

Riſco corre quem com ſuſpeitas viue.

Os trabalhos da vida ſam ambição, & cobiça.

Eſpanto he ſoſterſe o mundo cõ a idolatria dos poderoſos.

Ser ſogeito a outrem he deſterro da vontade.

Não ha ſaber que baſte para contrafazer mentiras.

Quem quizer emmẽdar o mũdo ſeja em ſi.

A prouidencia ha de ſer deſcõfiada, & amendrentada.

Na forçoſa determinação não ſe ha de tratar de inconuenientes.

No ſaber ninguem ſe rende ſenão o ſabedor.

O mentiroſo càe em pequiços.

As fracas conuerſações enfraquecem o forte.

Quãdo rindo ſe deſpreza verdade vemſe a perder de verdade.

Sem o uſo da fortaleza, tudo he perigoſo.

Da fee nace a rezão da fee.

Em tempos baixos a hõrra desfecha em vão.

As conuerſações comũas ſam ignorancias comũas.

O deſejo do neceſſario ſoſtem o mũdo, e o do ſobejo o deſtrue.

Quem deſeja ordenar o mũdo não ſegue o mũdo.

Os homẽs ſam alcatruzes do mũdo, pellos ſaõs vem a ordem, e pellos quebrados ſe vay a virtude.

Pequenos deſauergonhamentos conſentidos cauſam hauer os grãdes por pequenos.

Não ſe guarda verdade ao mentirofo.

A condição tibia deſapercebe o entendimento.

O ignorante he entregue, e namorado do deſauergonhado.

Erro he por em perigo quẽ não he para ſe por nelle.

Na reprẽção das culpas o cauteloſo não he amigo.

As muytas cautellas ganhão às vezes pouco, mas ſegurão muyto.

A melancolia alumea, & deſtrue.

Antre culpados, as culpas criam amor.

A ignorancia obra mõſtruos.

Aonde a ignorancia manda a malicia ſe enſenhorea.

A boa fortuna nam ſomente faz as obras mas authoriza as palauras.

SEGUNDA PARTE

OVTRAS
SENTENÇAS EM
verſo do meſmo Conde.

Que grande eſpanto he cuidar
Como ſe ſoſtem o mundo
Quam perto eſtá de paſmar
Quem às couſas ve o fundo.

Pouca força tem rezões
Para emmendar vontades
Aly ſam ſimulações
Onde não valem verdades.

Grão fraqueza he mormurar
Afagando os mormurados
Saudauel liſonjar
Antre todos os eſtados.

Cegueiras ſam inuenções
Que ſe fundão em maldades
Muy certo he reprençõis
Desfazerem amiſades.

 A mimoſa

A mimoſa preſumſam
Com falta de eſperiencia
Não ſeguia com rezão
Nem tem nella reſiſtencia.

Grão ſoberba he de quem ouſa
Deſdanhar da honrra antiga
Que acoſtumada couſa
Entre fracos hauer liga.

Tormento he conuerſar
Errados entendimentos
Não pode bom fruito dar
Quem tẽ bayxos penſamentos.

Vergonhoſos ſam proueitos
Que aquirem os mentiroſos
Não podem ſer ſatisfeitos
Os que ſam mui cobiçoſos.

Que medo ſam deſcrições
Que ſe fundão em enganos
Quam certas ſam diſenções
Antre corações tiranos.

Quem da rezão ſe não vence
Perde o bẽ, & o ſer de humano
Quem da virtude ſe eſquece
Prezaſe do ſeu engano.

He innoticia cuidar
Que aproueitão os bons meos
Grande certeza ganhar
No mundo pellos mais feos.

Que pequice he eſpantar
De quanto ſe poſſa ver
Grande ſiſo deſcanſar
Pois que tudo pode ſer.

Obra he d'homẽ danado
Quem virtudes empeçonha
Como he deſauergonhado
Quem de ſi não hâ vergonha..

Peccado he infernal
Enganoſas apparencias
Perdeſe o cabedal
Com erradas prouidencias.

Que dor he homẽs prudentes
Não ſaberem de ſi parte
Conforta ja ver contentes
Os roins pella ſua arte.

Que maos faz cõ quẽ não ſabe
Quem he em tudo dobrado
Muyto cumpre que ſe gabe
Quem por necios he julgado.

Grande fraqueza he vingar
Dos imigos c'os officios
Pura treição eſtoruar
Com enganos beneficios.

Que juſtiça ha y tam mà
Como a muyto riguroſa
Que pobres fez, & farà
A vontade apetitoſa.

He ignorancia esperar
Por outro tempo melhor
E no preſente acertar
Conuem ſempre ao ſabedor.

Quem ſe procura moſtrar
Tudo poem em differenças
He doudice ſem cuidar
Desfechar logo ſentenças.

Que rede tam varredeira
A grande importunação
Quem não vio na derradeira
Ser-uos ingratto o vilam.

Quem pode nunca negar
Amor com quem ſe conuerſa
Gram perigo he conuerſar
A inclinação peruerſa.

Quem leua por força tudo
Muytas vezes pode menos
Quem pode fazer ao rudo
Que entenda por acenos.

Como ſe ſabe valer
Do bom animo o tyrano
Não ſe pode embrandecer
O betume do engano.

Pouco preſtam fundamentos
Que ſe mudão cada dia
Proueitoſos penſamentos
São os da hipocrecia.

Quam preſtes ſe determina
Quem não he determinado
Nunca deu boa doutrina
Quem he mal acoſtumado.

Entre a honra & a cobiça
Se perdem alma, & a vida
Quem vio nũca com preguiça
A caſa reſtituida.

Que laços armão ladrões
Se ſaõ mal eſculdrinhados
As apparentes rezões
Quantos ſiſos tem roubados.

De ſandeus que fallão bem
He o mundo todo cheo
E muy vazio de quem
Com ſiſo acerta o meyo.

Grande tacha he não ſentir
Grande dor quẽ muyto ſente
Para o mao perſuadir
Não ha ſiſo ſufficiente.

A poſilanimidade
Embaraça o entender
Não ſe fia da verdade
Teme o que não ha de temer.

Que forte couſa he tratar
Quẽ tras tudo a ſeu proueito
Muyto cumpre vigiar
Deſenfreado reſpeito.

Antre necios & ſabidos
Nunca falece contenda
Aonde os maos ſam ouuidos
Os bons nam tẽ muyta renda.

Muy dificil he ſofter
Bom zelo antre maos zelos
Grande virtude he doer
Dos errados & ſofrelos.

Os defeitos naturais
A Deos pertence curalos
Os ſenhores deſiguais
Nunca tem fieis vaſſallos.

Grande graça he cõ antolhos
Querer ſempre dar a guia,
Quem tratta ſem mil abrolhos
Perde na mercadoria.

Couſa he muyto neceſſaria
No homem o engano honrado
Nũca fez gram repreſaria
O muyto deſconfiado.

Quando nos cega a vontade
Cega he toda a rezão
Os que não tem liberdade
Muy fracos conſelhos dão.

Que maldade he afear
As culpinhas veniais
Que medo deſimular
Com as vergonhas mortais.

Quem deſtrue as equidades
Quem faz ſenhores tyranos
Alquimiſtas das verdades
Com a cor de deſenganos.

Que laços de Satanas
Para tentar o conſtante
O rico tornar atras
Riquezas ao mendigante.

Gram proua he de cada hum
A eſcolha da ſua amizàde
Bom & mao nunca foy hum
A maldade, com a maldade.

Peccado he incurauel
Quem erra cuidar que acerta
Nunca faz couſa notauel
O que muyto a mão aperta.

Quem entende melhor tudo
A Deos pertence julgalo
Não engeite ſiſo rudo
O ſenhor do fiel vaſſallo.

Quem ſe não vio deſtruydo
Gouernando ſem conſelho...
Como he ſempre aborrecido
Aos mancebos o velho

Quem muyto fala algũ hora
Trasluz o que dentro jaz
A que lhe nace em boa hora
Que entende bem o que faz.

Quem

Quem vio nunca o ignorante
Fazer heroica virtude,
Nem vontade exorbitante
Que com branduras ſe mude?

Engano he com inuenções
Querer amizades ſaãs
Para amigar corações
Ha de hauer verdades chãas.

Quem não ſabe uſar do ſeu
Tem cobiça do alheo,
Quam ſoberbo he o judeu
Em quanto não tem receo!

Que vara tem de condão
Quem falla a vontade alhea,
Quem peita ſua rezão
Toda couſa farà fea.

Muy danada he a orelha
Que tem goſto d'ouuir mal,
E o mao nunca aconſelha
A juſtiça ſer igual.

Que vergonhoſa fraqueza
Fazer feros em auſencia
Sempre anda com baixeza
Sobeja beneuolencia.

Quam pouco com ſabedores
Val quem muyto ſe infuna
Como ſam deſdanhadores
Os mimoſos da fortuna.

Que medo quem tem poder
He deixarſe eſcorregar
Começos de corromper
Muyto maos ſam de enfrear.

Pouco ſabe quem de ſi
Senão benze cada ora
Muy confiado não vi
Que da rezão não và fora.

Que quedas dà no começo
Das couſas gram confiança
Contra o grande deſprezo
Não fiar de temperança.

Quem tem ſer não ſe prométe
Ao que deue fazer
Ao honrado compette
Fazer, & não o dizer.

Quam pouco dà por ninguem
Quẽ nunca ſe vio em mingoa,
A ſer homem não conuem
A vingança com a lingoa.

Quem ſempre quer o ſeu ſatto
Não pode ſer manual
Quam çerto he desbaratto
Do fiel com deſigual.

Deſordem he o ferreiro
Pôr o preço dos çapatos
Pouco ſabe o ovelheiro
Para meſtre de contrattos.

Cada hum no que pratica
Deue ſer ſómente crido,
O que na verdade embica
He em tudo aborreçido.

He pequice procurar
Diante o juyz ſoſpeyto;
Naõ deuem de ſoportar
Os homẽs o contrafeito.

He total diſtruiçaõ
Os culpados ſerem cridos
Quem ſeguir a condiçaõ
Farà muytos mal ſofridos.

Quem viue ſem ter defeito
Mas qual delles he mayor?
Com fraqueza ſer ſogeito
De todos he o peor?

Caſtigo

Caſtigo merece quem
Finge bem por fazer mal
Nunca se viò em ninguem
Ser fingido e ſer igoal.

Eſpanto hè do coſtume
Ver errar ou acertar,
Quem de ſer falſo preſume
O deuião de queimar.

Que aproueita ao deſcuidado
Ver perder a ſua couſa?
Ao muyto confiado
Dar conſelho ninguem ouſa.

Que maos proueitos apanha
Quem ſe troca por dinheiro.
Quẽ aconſelha com manha
Não ſerà nunca erreiro.

O que ſegue opinião
Rezão he que ſe não crea:
Quem adultéra a rezão
Com nenhũa ſe refrea.

Que preſta co ignorante
A verdadeira amizade
Não vay co diſcreto avante
Quem lhe não falla verdade.

Enganos ſam penſamentos
De aprazer a quem culpais:
Menos mal roins iſentos
Que contra feitos iguais.

Enemizade encuberta
Tem quẽ doutrẽ mal ſoſpeita
As vezes falſo profetta
Se troca por boa peita.

Grão deſauergonhamento
Com baixos he proueitoſo.
Não deſimula mao tento
O coração animoſo.

Quando com cegueira aceſa
Ha amor demaſiado,
E de Deos não vem defeſa,
Quem ſe vio alumiado?

Adquerir grande theſouro
Com enganos quem o ſabe,
He achar panella d'ouro
Mas não preço que ſe gàbe

Que grande ſoberba he
Quem de ſi ſo ſe confia:
Quem os amigos não cre
Deue crer que deſuaria.

 Qual

Qual pode ſer mòr perigo
Que não vencer da razão:
Quem engana ſeu amigo
Em tudo farà traição.

Nenhũa couſa faz mais
Danados os corações
No trato todos iguais
Deſiguais os galardões.

Que grande arte he judaria
Para impremir mentiras
Os ardis da tyrania
Perdas ſão ſe bem confiras.

Quem vay auante mintindo
Exemplo dá odioſo
Quem pouco ganha ſeruindo
Logo ſe faz preguiçoſo.

Quem não faz do peor conta
Nunca tem certa receita:
Quem não vè o fim que mõta
Sempre ſe deſaproueita.

Muy grandes conluyos faz
A torpe ouciosidade:
A culpa conſigo traz
Muy preguiçoſa a vontade.

Que grande deſcanſo dà
O ſi ſi, & o não não;
A todos ſatisfarà
Tudo da na confuſam.

Quantos corações humanos
Se fazem feros brutais
Com fauores, ou com danos
Se todos ſam deſiguais.

Soberbos deſdanhadores
Doudos ſam, ou ignorantes;
Necios com os tais ſenhores,
Amigos & bem andantes.

Os de forte condição
Nunca ſam bons conſelheiros,
Manſa juſtificação
Faz os fins ſerem inteiros.

Muyto ſente cada hum
Suas perdas temporais
Mas quando o mal he comum
A virtude o ſente mais.

Se tudo tam pouco val,
De que ſeruem diſenções?
O mal do bem he igual
Segundo as opiniões.

Grande culpa he não fogir
De má deſconformidade:
Quem não tratta do porvir,
Viue em neceſſidade.

Quem tudo muyto recea
Nunca leua nada auante,
Vergonha he muyto fea
Na rezão não ſer conſtante

Quem ſe não vence de ſi
Pouco faz pello amigo,
E dizer mal nunca o vy
Que não foſſe grão perigo.

Grande mal he ver verdades
Deſtruidas com cautelas;
Como ſam cruas maldades
Contra quem ſe fia dellas.

Quem achou nunca bom cabo
Na culpa que procurou?
Grandes danos faz o gabo
Dos erros a quem errou.

Quem vio nunca ſem ſeu dono
Olhar outrem pola couſa?
Muy vencido he do ſono
Quem com fadigas repouſa.

Muy afoutos ſam bulrões
Quando adquirem fazenda,
Muy triſtes bons corações
Se do mal não vem emmenda.

Quão mao he ſer enganado
Quão mao quẽ outre engana,
Antre elles he o culpado
Aquelle que os deſengana.

Quem pode ſendo vencido
Vsar daquilo que entende,
Quem no ſeu he mal prouido
Não he perda que ſe emmẽde.

Quem vio nunca deſcrição
Que não ſoubeſſe a vontade,
O que a hũs friezas ſam
A outros he devindade.

Quem às couſas ſe ſojiga
Nunca pode bem com ellas,
E quem com rezão ſe obriga
Não dá cauſas a querellas.

Hè eſpanto a olhos viſtos
Hauer cegueiras tamanhas,
Nũca ſam dos maos bẽquiſtos
Os que não uſam de manhas.

Em toda obra a fraqueza
Em culpas ſe determina,
Muyto mà he a natureza
Que contra amigos ſe inclina.

O que ſe funda em maldade
Co mundo mil ſortes faz
Sempre tarda a bondade
Mas à longa ſatisfaz.

Grande baixeza he quẽ pode
Ser mimoſo no que quer,
Por bem que fortuna rode
Ha de ſer o que ha de ſer.

Não pode ſer mór vergonha
Que ſer homem adjectiuado
Em maos ardis nunca ſonha
O que hé muyto eſcoimado.

Quam erradas concruzões
Que toma a rezão feitiça,
E mais quando tira ouções
Em deſordem de cobiça.

Quem he o que ſe caſtiga
Por ouuir o mal que faz
A quem alma não obriga
Cada vez mais pertinaz.

Que grande pouco ſaber
He culpar o que eſtà viſto,
Quem ſe quer contrafazer
Não ſera nunca bemquiſto.

Quem cuida viuer de manha
Não faz d'honra cabedal,
E quem do pobre deſdanha
Não lhe lembra q̃ he mortal.

Quem ſe criar em pobreza
Riſco corre com riquezas,
Quem nam nace com nobreza
Sempre ſe inclina a baixezas.

Quem viue ſem fundamento
Nauega mundo ſem leme,
Quem vio nunca frade iſento
Que nas virtudes ſe eſtreme.

Mao ſiſo he entreter
O que nam leũa bom fim
Os que andam a comprazer
Como dos outros ſe rim.

Que encontros dá a cobiça
Com boas nouas alheas,
Aos bons porem atiça
Quando ellas ſam muy feas.

Quem ſabe por onde vay,
Quem ſabe por onde vem,
Aos caſos atentay
Não he ſeſudo ninguem.

Torpe he quem auentura
A vida por adquirir,
Quem tem a vida ſegura
Inda que queira fogir.

Que couſa he opinião
Cada hum a dà ao ſeu,
De hũs ſe aprende rezão
E doutros a ſer ſandeu.

Erro he cuidar ninguem
Que lhe val a deſcrição,
A quantos errados vem
Grandes honras ſem rezão!

Quàm differentes ſentidos
Padece a rezão humana,
O que faz a hũas ſobidos
A outros de todo dana.

Por quão baixo preço vende
Deſcanſo & liberdade·
O coitado que pretende
Ganhar alhea vontade.

Quem vio peſſoa conſtante
Hauida por liuiana,
E quem vio nunca ignorante
Não cuidar ſempre q̃ engana.

Quem vio nũca quem cobiçe
Muyto, aquilo que quer,
Que não aja por pequice
Se outrem o não quizer.

Quem foi nunca deſtruydo
Por fazer o que deuia,
Que não foſſe reprendido
De quem delle dependia.

O' que agudeza tamanha
Quantos enganados tem,
Contrafazerſe com manha
Bem por mal, & mal por bem.

Que vergonha he affirmar
Que ſabe o que não ſabe,
Quem com iſſo accarretar
Quer proueito que não cabe.

Nunca ſe vio o prudente
Ser por bem mal enſinado,
Nem ſer muyto paciente
O roim muyto afagado.

Quanto mal fazem ſoſpeitas
Quando ſe lhe abrẽ às portas
As amizades desfeitas
Quantas verdades tẽ mortas.

Que vergonha he ouuir mal
Ao que cuida que apràz
Quantas vezes eſte tal
Diz d'outros o que elle faz.

Aos contrafeitos fraqueza
Lho faz ſer em todo eſtado,
Com a natural vileza
De zelo todo danádo.

Aprazíueis liſongeiros
Sempre dão beijos de Judas,
Como ſam baixos palreiros
Perdas ſam ſuas ajudas.

Alma para quem não cre,
Honra para deſonrados,
Nenhum ha que as não dê
Por fauor ou por cruzados.

Quem vè contrariedades
Em quanto ſe pode ver
Que monta mais ter cidades
Que hum pam para comer.

Que monta mais ſer ſenhor
Que o mais inferior,
Quem em ſi tem mais primor
Se deue ter por melhor.

Que volo dem por eſcritto
Amor de peſſoas Reáis
Quanto dura o apetito
Iſo ſo dura & não mais.

Com iſto tudo ſe abraça
Hauer tal diſolução
Que ſò ganhe em cada caſa
Quem mẽte & muda a rezão.

Pouco faz ao caſo noſſo
Ter nas obras mil primores,
Mundo dais o que he voſſo
Aprazeis à aprazedores.

Que grande culpa he fallar
Só com zello de empecer.
Quam digno he de louuar
Maos coſtumes reprender.

Que pècos ſão reprenſores
Que não vem quem elles ſão
Proprio he de ſabedores,
Tomar bem a reprenção.

Que grande ſemſaboria
He ver mundo, & conhecello
Que grande graça ſeria
O que ſe cala dizello.

Que má còuſa he fazer trouas
Se occupão o cuydado,
Nunca ſoube muitas nouas
Quem nenhũas tem palrado.

TERCEIRA PARTE

POESIAS DO
CANCIONEIRO GERAL

Ajuda a uma cantiga de Ayres Telez.

Quando vida deſejey
Nam entendia viuer
Qu'era couſa de perder
O quem perder me guanhey,
Mas agora que o ſſei
A vida que ey de ter
Tê-la-ey ſſem na querer. (1)

Cantigua do conde do Vymyoſo.

Triſteza, pois nã podeis
ter mor prazer,
cõtente deueys de ſer.

O poder qu'ẽ myn vos dey,
nunca tamanho teveſtes,

(1) Fl. 198 v.

porque

porque toda a mim vos deſtes,
& eu en tudo vos tomey
pois que parte nam leixey
para prazer,
contente deueis de ſer. (1)

Outra ſua.

Nã quero ter mais comiguo
que quanta pena me daes:
porqu'esta me traz conſſyguo
outra mor, ſe ma tiraes,
pois que parte nam leyxaes
pera prazer,
contente deueis de ſer. (2)

Sua & cabo.

Se folgaes de dar cuidados,
ſe penas fazeis ſentir,
meus males nã ſam paſſados,
nẽ eſtaa nenhũ por vyr:
pois onde vos podeis hyr
triſteza ſer,
ſe nam menos de ſoffrer? (3)

---

(1) Fl. 80 v. (2) Fl. 81. (3) Fl. 81.

Cantigua ſua.

S'alguem deſeja prazer,
vyua em no eſperar,
que todo mais he achar
maneyra de o perder.

Digua-me quem alcançou
bem algũ que deſejaſſe,
ſe nũca tanto folgou
que d'iſſo ſe contentaſſe.
& pois ſ'acaba o prazer,
que ſ'eſpera, em ſ'alcançar,
quem eſperar de o ter,
nam ouſe de o tomar (1).

Cantigua do conde.

Que nam tenha mais prazer,
iſto quero & nam al,
ſaber bem, que çerto mal
nũca pode faleçer.

Foy melhor ter maa vẽtura
que deſcanſſo enganoſo,
pois o mal q̃ me ſegura,

(1) Fl. 81.

he

he de çerto mais goſtoso
que nenhũ bem douydoſo.
ſe me mal quereis fazer,
contra mym pouco vos val,
porque jaa vyda he tal,
que o tomo por prazer. (1)

Outra ſua.

Por eſta rregra ſegura:
de quem vyue ſem ventura
nenhũ bem poder auer,
nam perco, nem ſ'auentura
em quãto poſſa perder.

Antes quãto mais perdido,
me vejo mais deſcanſſado,
por ter ja tudo paſſado
quanto pode ſer ſoffrido.
Nẽ ha hy couſa ſegura
na vyda que nã tem cura,
ſe nam de todo perder,
por nã ter deſauentura
em que poſſa enpeeçer. (2)

---

(1) Fl. 81 v.. (2) Fl. 81 v.

Outra ſua.

Bem & mal tã pouco dura,
que de pena, nẽ prazer
nã he boa, nẽ ma ventura,
parte ter.

Tudo vem a huma conta,
onde nam ſ'oolha rrezão,
perde-ſſe ſatisfaçam,
& tanto monta
te-la vyda como naão.
faça de myn ja ventura
tudo aquylo que quyſer,
pois nã da couſa ſegura
de molher. (1)

Cantigua ſua.

Hũ ſo bẽ de grande groria
trouxe comygo de ver-uos,
ter-uos ſempre na memoria,
que nam poſſo eſqueçer-uos.

Cada ora, cada dia
me ſalteo de vos ver,

(1) Fl. 81 v.

nem

nem he mais o meu vyuer
qu'emganar-me a fantesya;
porque, quando na memoria
eu podesse esqueçer-uos,
a vyda & sua groria
morte he por conheçer-uos. (1)

Outra do conde.

Quẽ de mym s'a de doer,
a mym soo deuo culpar,
pois de todo me fuy dar
a quem toma por prazer
de me matar.

Deuera, pois conheçya
o mal que tenho soffrido,
de temer o que fazia
primeiro de ser perdido.
Mas pois eu por meu querer
tal cuydado quys tomar,
rrezão he nam estranhar,
que tom'outrem por prazer
de me matar. (2)

---

(1) Fl. 82. (2) Fl. 82.

Cantigua ſua.

Ho quem nunca conheçera
todo bem que deſcobri
em vos ver, porque a ſſy
& a ele nam perdera!

Do deſquanſſo conheçido,
que ſoo fiqua por memoria,
nam ha mais, ſendo perdido,
que dar pena ſua groria.
& pois eu tanto perdy,
ſeruir-uos nunca deuera;
pois que ja ſem vos de my
nenhũ rremedio ſ'eſpera. (1)

Outra ſua.

A vyda ſem ver-uos
he dor & cuydado,
que ſynto dobrado
querend'eſquexer-uos;
porque ſem querer-uos
ja nam poderia
vyuer hũ ſoo dia.

(1) Fl. 84.

Ja tanta payxam
valer nam podera,
ſe vos nam tiuera
em meu coraçam:
ſem tal defenſſam,
meu bem, hũ ſoo dya
viuer nam queria. (1)

Outra ſua a Ayres Telez, porque se apartaua d'ele.

Eſtudaes & fogis de my,
ſoes Latyno.
que quedas daa o enſſyno
do Latym!

Trareis todo decorado
o metamorfoſeos:
eu trar-uos-ey aſonbrado
de rryr de vos.
Coytado, triſte de ty,
homẽ mofino,
que foſte naçer en ſſino
de Latym! (2)

(1) Fl. 85 v. (2) Fl. 81.

Outra ſua a huma confiſſam.

Vão em cõta meus cuidados
das culpas na confiſſam,
triſteza, door & payxam,
mayores que confeſſados.

E que vos nã nos cauſeys,
bem ſabeis canto pecaes,
ſenhora, pois que podeys,
porque nã nos emmẽdaes.
eſtes deuẽ ſer lembrados
que naçẽ no coraçam,
que os quer, & en qu'eſtam
mayores q̃ confeſſados. (1)

Cantigua do conde a huuns bocaes do baraão, forrados de pano & muyto eſtreitos.

O muy eſtreitos bocaes,
em que nã ha duas quartas,
mais cuſtoſos ſoes q̃ martas,
ſegundo vos demandaes
trouas fartas.

(1) Fl. 81 v.

Eſtreytos, bem çerçeados,
naturaes par'eſte outono,
proueytoſos, deſpejados,
para pejarem ſeu dono.
Poys q̃ tam juſto calçaes
q̃ vos fazẽ duas quartas,
por mal que vos pareçaes,
eu pormeto que façaes
ſaldas as martas. (1)

Cantygua do conde ao barão & a Iorge da Silueira & Luis da Silveira, porque todos tres fezeram huma cantiga a dom Pedro de Souſa ſobre huma capa Françeſa que fez.

Soes ajes no portugues,
naçeſtes para a gyneta:
nam ſe meta
nenhũ de voſſas merçes
em culpar trajo frances.

---

(1) Fl. 81 v.

Pareçer-vos-ha tam mal,
porque nã vos esta bem
se nã bedem
& fota & todo o all
de tremeçem.
mas pois tam bem pareçes
ambos de dous ha gyneta,
ou todos tres,
nam. f'antremeta
falarmos no que trazes,
que vos falarão frances. (1)

Outra sua a outro proposito, a que chegou Guerra, o porteiro.

Triste dom & triste terra,
triste paz & triste vyda,
triste groria ja perdida
a que tempo veyo Guerra!

Se te lembraras de my
em vida tam desygoal,
mudança de bem a mal

(1) Fl. 81 v.

com

que te nũca mereçy!
Triſte he quẽ ſe deſterra
com eſperança perdida,
triſte foy quẽ teue vyda,
metyda ẽ mãos de Guerra. (1)

Outra ſua, porque, paſando ſua dama do coro, lhe fecharam huuma porta, donde a vya.

Paſſa a vida tam aſynha,
que nenhũ deſcanſſo tem
quẽ ve mal, & ve tanbem
os porteiros da rrainha.

Em mil dias ſo hum'ora
nam he dor menos ſobeja,
nẽ val rrey, nẽ val ygreja
para ver minha ſenhora.
Tudo paſſa tam aſynha,
que ſeria grande bem
acabar, ou ver alguem
mais contente da rraynha. (2)

(1) Fl. 81 v. (2) Fl. 81 v.

Eſparça ſua.

Que terribel deſconçerto
& forte dor
he amor com deſamor,
que em jogo deſcuberto
quer dar cor a outra cor!
Duas couſas dou por çertas,
tyradas pola fyeyra,
qu'em nenhũa verdadeira
nam pod'auer encubertas,
nẽ verdade em terçeyra. (1)

Pregunta do conde do Vimioſo a Garçia de Rreeſende.

Qual he 'quela couſa que nunca ſe vyo,
& he mays conheçida por ſeu pareçer,
para a bem ſentir çiençia comprio,
ſendo ſentida ſem entender:
Contrayra & amigua do ſeu meſmo ſer,
querida de quem por ela padeçe,
a quem mays deſcanſſa mais avorreçe,
do bem & do mal e feyto a meu ver? (2)

---

(1) Fl. 81. (2) Fl. 86.

Reſpoſta

Reſpoſta a Luis da Silueira e João Rodriguez de Sa que lhe dirigiram trouas por trazer no barrete um coraçam d'ouro.

Quem diz c'o meu coraçam
He de metal
Anda lonje de ſeu mal.

Se metal quereis que ſeja
Lavraſſe com gram fadigua
Funde-ſe de dor ſobeja
Sam ſeus males ſua ligua
Queira Deus que alguẽ perſigua
Eſte mal
Que o tem d'outro metal.

Por não ſer falſificado
Dam-lhe mil toques mortais
Nam me fica dele mais
Que o nome e o cuidado
Se diguo que ſam roubado
Deſte mal
Nam me ouvem nẽ me val.

Do que meu coraçam ſente
Nam no culpe ſe nam eu
Pois ſeu mal todo he meu

 E meu

E meu bem todo aufente
Quem difto viue contente
E nam quer al
Porque dizem dele mal. (1)

Refpofta a uma troua que Ayres Telez lhe fez por ter falado a D. Joana Manuel num ferão de Quarefma (2).

Se tiuera que difer
Faleçeoma fantefia
Que eu foo tenho oufadia
Pera meus males fofrer.
S'os mortos podem faber
Dos viuos o feu viuer
Dom Joam laa onde ftaas
Que doo de mim averaas. (3)

---

(1) Fl. 182 e 182 v. (2) Eis a trova de A. Telez:

Oo que ditofo falar
Foi o voffo no ferão
Oo que boa confissam
Pera fa moça faluar
Mas vos nam.
Oo alma de dom Joam
Laa onde quer que eftas
Quanta pena que teras.

(3) Fl. 198 v.

Do conde do Vymyoſo a huma ſenhora que ſeruia.

Quem vos poderaa ſeruir,
nem leyxar de o fazer!
que nuum' amingo o poder
& n'outr' ao conſſentyr.

Mas nam compre de buſcar
caminho neſta verdade,
poys tam bom he de deixar
a vyda pola vontade.
Entam podereis ſentyr,
quando me vyrdes morrer.
que moyro por vos ſeruir,
ſem ouſar de o fazer. (1)

Outra ſua.

Se fyzeſſe fundamento
d'algum bem em minha vyda,
da-la-hya por perdida.

Mas nam tenho eſperança,
nem perco contentamento,
qu'eſte mal nam faz mudança,

(1) Fl. 79 v.

nem

nem eu caſtelos de vento.
& co'eſte fundamento
nam faço conta da vyda,
nem na tenho por perdida. (1)

Troua a D. Beatriz de Sa.

A vyſta qua de ſalvar
Tudo ſe perde por ela
Por iſſo nam ſſei cuydar
Sſe é mor peryguo oulhar
Sſe moor dyta conheçe-la
Mas ſynto que ſtaa em vê-la
Con quanto mal me fyzer
Mynha vyda ſem na ter. (2)

Troua a D. Beatriz de Vilhena aconſelhando-lhe que ſe guarde de soberba e desprezar ninguẽ.

Qual vos eu quiſeſſe mays
Nam no ſey determinar

(1) Fl. 79. (2) Fl. 152.

Com

Com a ſoberba matays
Mas tambem e dela huſays
He começo de pecar.
Poys cahyrdes em pecado
Rremyraa noſſa triſteza
Da ſoberba e crueza
Nam ſe queyxe o deſprezado. (1)

Troua a D. Guiomar de Menezes

Louuar voſſa perfeyçam
Gabar-vos, ofenſſa he,
Se nam foſſe attençam,
Por que ſe myngoa rrezam
Senhora, ſobeja fee.
Para a pena por vos ver
Deſejo de ter maneyra
Porque ſem iſto vyuer
Se vyda pudeſſe ter
Nam ſey para que ſſe queyra. (2)

---

(1) Fl. 153. (2) Fl. 153 v.

Trouas a Jorge d'Oliueira rendeiro da Chancelaria porque leuou a Jorge de Melo doze mil reaes por hũ padram que despachou sem lhe querer quitar nada.

Nã fiar mays em prendê-lo
Senhores na cortesia
Que leuà coyro e cabelo
E arrendou chancelaria
Por affelar judaria
De mao homem e boõ cristão
S'emtregu'este de maneira
Que se nam days rrepelão
He menos passar padrão
De Sfantiaguo que d'Oliveira.

Conselho

Por tua grey e na tua ley
Morreras
A cristão nam quitaras
Nem nosseras
Se t'o nam mandar el rey
Roubaras
Poras os homẽs no fio
Com dia te trancaras

De

De medo d'algũ desuio
E como achares nauyo
Partyras. (1)

A Luis da Silueira por hũas manguas que fez de çetim co avesso para fora.

Senhores nam sseja sso
A hũas manguas que vy
Davesso e nam por doo
Sse nam sse for do Çaty

Altas manguas, doçe geyto
Gram maneira d'antremes
Tam cheas de sseu rrespeyto
Que por nam terem direyto
Sam trasidas oo rreves.
Trazidas mas nam por doo
Do coitado do Çaty
Que de velho feyto em poo
Tantas voltas fez de sfy. (2)

Troua a D. Margarida Freire

Como quem fala de fora
Ousara de vos guabar

(1) Fl. 179 v. (2) Fl. 182.

Se não fora
Ver-vos eu, minha ſenhora
Meu cunhado aſſi matar
Mas ficou-me de vos ver
Tal medo que mays falar
Nam ouſo nem ſey dizer
Que bom calar
He milhor par' eſcapar. (1)

Trouas que mandaram o conde do Vymyoſo & Ayres Telez á ſenhora dona Margarida de Souſa sobre hũa perfya que tiueram perante ella, em que dezya Ayres Telez que nam ſe podia querer grande bem ſem deſejar, & o conde dezya o contrayro.

O conde do Vimioſo.

Quem d'amores tem o cume,
quem vyue vyda acabada,
eſte nam deſeja nada:
nam ſe julga por coſtume

(1) Fl. 150 v.

couſa deſacuſtumada.
Quem ouſa de deſejar,
cuyda o contentamento,
ſe o cuydo, logo o ſento,
& em meu mal nam pod'eſtar
prazer, nem por penſſamento.

Deſejar o coraçam
he natural & verdade,
mas na grande afeyçam
deſſymula a rrazam
os deſejos aa vontade.
Nam pode amor ſem arte
querer grorea pera ſſy,
que por ela vejo em mym,
que cuydar na menos parte
traz conſſygo minha fym.

O amor acuſtumado,
eſte naçe do deſejo,
que deſejando o que vejo
tenho-me por namorado,
dygo: que'e meu mal ſobejo.
Mas quem chega a bem q̃rer,
que ſem reſpeyto ſ'ordena,
nam deſeja de vyuer,
nem cuyda qu'y ha prazer,
nem lhe lembra ſua pena.

Poys ſe proua o que dygo,
nam cumpre mays arguyr
& mays eſte meu amygo

achara muytos conſſiguo:
eu ſom ſoo no meu ſentyr.
Por myl penas que ſofreſſe,
todo meu mal ſe dobraſſe,
ſe na vyda que vyueſſe,
tanto vos deſacataſſe,
que alguũ bem deſejaſſe.

Qu'aproueyta bem falar,
ſ'as rrazões nã vã prouadas?
ſam modos d'acafelar,
ſam ſynaes de deſamar,
palauras falſſeſycadas.
Nyſto meſmo qu'ele diz
ſe proua minha queſtam,
mas compre, que o juyz
tenha tanta afeyçam,
que lh'o ſynta o coraçam.

S'a exçelençia & ſer
d'outrem faz nam deſejar,
como me podeys neguar,
que meu amor & querer
nam deſeja deſcanſſar.
Poys me eſta confeſſaes,
ſenhor meu, nam negareys,
qu'a ſenhora que amaes,
que por amor deſejaes,
por ſeu deſpreço o fazeys.

Dous contrayros nuũ sogeito
nam ſe vyo, nem ham de ver

 pera

pera vyr a bem d'efeyto:
defejo quer feu proueyto,
amor quer tudo perder.
Se neles tal deferença
nam pode fer bem negada,
a rrezam fera forçada,
nam fycando por fentença:
qu'amor nam defeja nada.

Amor he conformidade
em toda coufa jguoal,
hũa goftofa amyzade,
amor he hũa vontade
que nam pode querer al,
Amor nam fabe o que quer:
como pode defejar?
amor nam pode querer
outra coufa, fe nam fer
& em fy mefmo eftar.

Defejo he huũ fyntyr
d'aquylo que pode fer,
fyntyr o qu'eftaa por vyr,
que obriga a feruyr
efperando mereçer.
Como pode efperar
prazer quem por vos padeçe?
que, fe bem nyffo cuydar,
nam fe pode defejar
coufa que fe nam mereçe.

Vylançete.

Meu amor, tanto vos amo,
que meu deſejo nam ouſa
deſejar nenhũa couſa.

Porque ſe a deſejaſſe,
logo a eſperaria,
& ſe a eu eſperaſſe,
ſey que vos anojaria.
mil vezes a morte chamo,
& meu deſejo nam ouſa
deſſejar-me outra couſa. (1)

Troua ſua a hum moto d'uma ſenhora que pos por ele, & ele tornou a culpa a ela.

Moto

Tantas couſas lh'auoreçem,
que'e rrezam q̃ m'auorreça.

A vyda nam dura mais
qu'em quanto males faleçem,

(1) Fl. 80 e 80 v.

& por

& por iſſo, ſe m'a dais
quantas vezes m'a tirais,
tantas couſas lh'auorreçem.
mas ſe muytas vos pareçem,
ſenhora, nam vos eſqueça,
que de myn ſoo ſe padeçem,
& pois tantas ſe offereçem,
que'e rrezão que m'auorreça. (1)

Troua do conde ſobre huũ moto que eſtaua pondo dom Pedro, em que ſe chamaua bem auenturado, & mandou ha com os motos.

Sam tam mal auenturado,
que vejo boas venturas
nas alheas eſcrituras;
as moſtras me dão cuydado,
os motos mores triſturas.
S'a ventura tal ordena
que ſe poſſa eſcreuer,
eu diguo, que ver & ler
da menos ſaber que pena. (1)

---

(1) Fl. 81. (2) Fl. 81.

Troua á ſenhora dona Lyanor Anrriquez.

Como ſe pode fazer,
louuar primor tam ſobydo,
poys que voſſo mereçer
nam he naçydo ſaber,
de que ſeja entendido.
Eu diguo, ſem vos louuar,
de que tenho conheçido,
c'o mundo, por ſe ſaluar,
deue ſer por vos perdido. (1)

Troua a D. Joana de Mendoça

Se prazer he ſer perdido
Grande dita foi a minha
Pois com tanto mal soffrido
Me fuy perder tam aſſinha.
Ditoſo em me perder
Mas nam pera vos ſeruir
C'outrem tem eſſe poder
E eu naçi paro o ſentir.
Eu determino d'auer

(1) Fl. 144.

Hũa

Hũa vida empreſtada
Pera por vos a perder
Por qua minha nam he nada.
Que nam tem tanto valer
Pera que poſſa ſentyr
A groria que deve ter
Senhora quem vos ſervir. (1)

Do conde do Vymioſo a Manuell de Goyos, nam querendo ſua dama que a elle ſeruiſſe.

Amores, que meu cuydado
fizeram ſer de triſtura,
por me verem mays penado,
me deram ja ſem ventura
por mayor pena ſſoltura.
ſſoltura de nam quererem
ver-me em ſua priſam,
porque ſabem, ſe quiſerem,
que ſempre eu çerto ſſam,
& ſeu he meu coraçam.

Ter-me por ſeu auorreçe
quem me forçou ao ſer,

(1) Fl. 150.

O triſte

o triſte de mym padeçe
em deſejar e querer
por descanſſo ſeu padeçer;
aſſy que ſempre penando
viuo livre & vençido:
dobran-ſſe meus males, quando
me vejo d'amor ferido,
& d'ele auorreçido.

Soo me ſoſtem eſperar
o fym de meu mall comyguo,
que nam deuia tardar,
poys d'eſta vida que ſſyguo
o viuer he mor ymiguo.
& com eſta eſperança
minha dor he mays creçida,
porque com ſua tardança
ſe alongua mynha vida,
& nam he ja concrudida.

Em tal eſtremo me vendo,
a vos me quys ſocorrer,
ſenhor meu, porque entendo
que com voſſo entender
me poſſays vos ſoo valer.
mas ſe d'eſte mal tan forte
cura nam poder auer,
vos ſyntireys minha morte,
& ſenty mays o viuer,
poys vos dooe meu padeçer. (1)

(1) Fl. 85.

Trouas que o conde do Vimioſo mandou a Sſymão de Sſouſa, da maneira que auya d'acheguar ha corte, vyndo d'Arzyla.

Goay de mym! ſe nam teuera
quem la tem tudo na mão;
ha cheguar nam m'atreuera,
ſe vos eu nam conheçera
o por d'eſſes pees no chão.
Eu vou bem amedrontado
polo custume d'alem;
ſe la achar paço picado,
cumpre-uos tomar cuydado,
que nam fale mal, nem bem.

Tençam leuo de ſeguyr
todo auto de guerreyro,
& damas nunca ſeruyr,
auer briguas ſobre rryr,
ſer amyguo d'eſcudeyro.
Dyrey la que dey qua tudo,
falarey na valentya;
prezar-m'ey de ſſyſo rrudo,
meterey como ſeſudo
a dom Nuno ſenhorya.

Aſſy eſpero de notar
o qu'el rrey dyſſer ha meſa,

 ſoffrego

ſoffrego no meu luguar,
ſe comyguo atreueſſar,
ey d'amostrar que me peſa.
Nas portas, por que'e perigo,
ſyſo he quem bem ſe poupa;
queria buſcar amyguo,
que m'ouuyſſe o que diguo
nas arcas da guardarroupa.

Tenho rroçym da carreyra,
ja ſabeys, mouro mandyl,
que supra por d'estrybeyra
ha d'andar alta a conteyra,
agulhetas d'ouro mil,
Eſtrybos de tauxia,
nomynas, ſela de Fez,
dous pontinhos da Arauya,
quyſera leuar troſquya,
por hyr todo d'um jaez.

De pelote, de gybam
me manday certo preçeyto,
ſe capuz, ſe balandrão,
para cheguar corteſaão
na contenença, no jeyto.
Da barba & do cabelo
venha çerta a contya,
porque me compre sabe-lo,
que querya hyr a pelo,
goardando fonfarraria.

Se vyrdes que vou errado,
voſſa merçe o emmende;
lançar-m'ey mays achumbado,
farey olhas do paſſado,
porque tudo ſe entende,
De tudo o que farey
venham rregras decraradas;
& aſſy onde pouſſarey,
que nam diguam, que cheguey,
la per vya d'alcaladas.

Cabo.

Guarday-uos, nam vades dar
co' jſto pola porrym,
c'amyguo podeys topar,
que cuyde que por trouar
mandar trouas cab'em mym.
Pode mays enfadamento
que eſcuſar-me de çerteza,
& tambem contentamento
de ver vosso fundamento
para minha gentileza. (1)

---

(1) Fl. 82 e 82 v.

Trouas a tres damas que ſſe foram hũa noyte do ſeram.

Rifam do Conde.

He rrezam que vos lembreys,
poys ver-uos nam nos deyxays,
ſenhoras, que perdereys
as vydas, que nos tyrays.

Sua.

E nam que poſſa ja ſſer,
que d'outrem sejam vençidas,
mas porque por vos nam ver
as auemos por perdidas.
Seraa bem que vos lembreys
do que nysso auenturays,
que nos nam perdemos mays
que quanto nyſſo perdeys.

Outra ſua.

Que poſſo dizer de my,
que chegue ao que ſento,
poys de ver-uos me perdy,
& depoys que vos nam vy,

vy dobrado perdimento:
que com jſſo vos folgueys,
poys ſoys a que o causays,
lembre-uos, que perdereys
a vyda, que me tyrays. (1)

Trouas a hũ fidalgo que no ſerão del-rei ſe meteo em hũa chiminé e fez ſeus feitos nũ braſeiro e diziã que era hũ dos capitães que hiam a Torqui cõ o conde de Tarouca.

Foi feito tam atreuido
O deſt omem que deuia
Nam parar ata Torquya.

Sera la hũ Anibal
Fará feitos de Pompeo
Pois cá fez façanha tal
Com que eſqueçeo o Cabral
E outros que nam nomeo.
Valente e mal ſofrido

(1) Fl. 144 v.

Deue

Deue ſer quem ſe vencia
No ſerão de tal porfya.

Correo rryſco o eſtrado
Por ſer longe a chemyné
Vioſſe tam afadiguado
O coitado
Que nam pode mudar pee.
A pee quedo e combatido
Husou de tal valentia
Que ſſayo como queria. (1)

Trouas a huma molher que ſeruia.

Remedio de minha vida,
deſquanſſo de mynha pena,
minha morte conheçida,
por quem meu mal ſe ordena!
Vos ſſo me entriſteçeys
& m'alegrays,
vos, ſenhora, me valeys
& me matays!

Por vos he meu mal ſem fim,
& ſem vos viuer nam poſſo,
nem tenho mays part'em mym

(1) Fl. 175 v.

que

que aquilo que he voſſo.
Vos ſſoes ſſo de meu prazer
deſtruiçam,
& vos ſſoes meu gram querer,
meu coraçam.

Aſſy me tendes vençido,
que outro bem nam eſpero,
nem me tem mais perſeguido
couſ'alguma que o que quero.
Querer-uos me atormenta,
deſamado;
deſamar-uos m'acreçenta
moor cuydado.

Os dias que nam vos vejo
moyro triſte deſejando,
vendo-uos, deſeſperando,
mayor fica meu deſejo.
nunca poſſo ledo ſſer
por vos amar,
que nam dobre padeçer
meu deſcanſſar.

Tam fora de meu ſſentido
o que vos quero me tem,
que cuydo que me conuem
ſſeruir-uos & ſſer perdido.
& com eſte tal cuydar
nunca rrepouſa
meu querer & deſejar
em outra couſa.

Nam ha mais em minha vida
que viuer meu ſſentimento,
nem menos no mal que ſento
que ſſerdes d'ele ſſeruida.
Aſſy he deſordenada
minha pena,
que de ſer mays conſſolada
ſe ordena.

S'algum'ora apartar-me
me lembra de vos ſſeruir,
nam viuo em conſſentir
o que ſſynto em lembrar-me;
Nem em mays torno a viuer,
qu'em quanto poſſo
ſaber, que nam pode ſſer
nam ſer voſſo.

Tanto ſſynto ho contrayro
d'aquilo com que folguaes,
que tomo, porque m'os daes,
meus males por ſſeu repairo.
Poys vede quem aſſy ſſendo
nam nos ſſente,
que fara por vos viuendo
deſcontente?

Cabo.

De quem me poſſo aqueyxar,
a quem me poſſo valer?

 pois

pois vos ſſoes meu deſcanſſar,
ſſendo vos meu padeçer.
Senhora de minha vida,
auey ja doo,
pois por vos ele-'e perdida.
& vos ſſoes ſſoo. (1)

Outras a eſta molher.

Se nam tiueſſe poder
em mym de vos nam amar,
era bem de vos sofrer,
mas ſe me poſſo valer,
porque me leyxo matar?
nam ſerdes de mym querida
querendo, podía ſſer;
mas amar-uos sem medida
me faz perdendo a vida
que o nam poſſo querer.

Aſſy que, ſſendo de grado
a vos querer ſſometido,
he a mym mays que forçado,
que nunca perca cuydado
de me ver por vos perdido.
que ſ'eſtaa a liberdade
em meu querer d'eſte p'ryguo,

(1) Fl. 83 v.

amo-uos

amo-uos tam de verdade,
que'e de força a vontade
de sofrer o mall que ſyguo.

E co'eſta fee forçoſa,
de mym meſmo coſtrangida,
minha vida douidoſa
he a mym mays trabalhoſa
que por ſer por vos perdida.
& yſto porque conheço,
que nam poſſo obriguar
por quem moyro & padeço:
que ſ'aa morte me offereço,
eu por mym a vou tomar.

Mas, que vos nam me mateys,
ſenhora, nem conheçays
porque mays pena me deys,
conſentys, poys nam valeys,
& vos meſma me matays.
matays me com fermosura,
gentileza e deſcriçam;
mata-me voſſa fegura
por mynha boa ventura,
que voſſa vontade nam.

Fym.

Que ſe por voſſo querer
minha morte ſ'ordenaſſe,

 que

que mays bem pody [a] ser
que poder em mim auer
couſa que vos contentaſſe?
yſto me ſatisfaria,
que mill anos vos ſeruiſſe;
outro bem nam no queria:
mas bem ſey, que nam ſeria
tam ditoſo, que o vyſſe. (1)

Trouas a eſte moto, partyndo-ſſe huma molher d'onde ele eſtaua.

Moto.

Nunca tiue tall cuydado.

Quando vendo-vos me via
de males acompanhado,
quando morte padeçia
na vida qu'entam veuia,
nunca tiue tal cuydado.

Porqu'entam, ſe me penaua
ſem eſperança triſtura,
minha pena ſ'abrandaua
em ver voſſa fermoſura.
Aguora triſte queria,

(1) Fl. 83 v. e 84.

com lembrança do paſſado,
ſym que vida me ſeria,
pois, quando morrer me via,
nunca tiue tal cuydado. (1)

Trouas a huma ſenhora, que em hum ſeram pos os olhos num omem.

Olhe bem no ſeu olhar
quem quiſer ſeguir rrezam,
que'e ſynal do coraçam.

Nas couſas que da a vontade,
ela ſoo tem o poder:
o engano he verdade,
a rrezam he o querer.
Tudo vem a pareçer
onesto co' a payxam,
ſe nam o que he rrazam.

Sua.

Todo ver dos olhos vem,
o olhar he com rrespeyto;
mil couſas pareçem bem
por querer, mas nam por jeyto.

(1) Fl. 84.

& em

& em concrusam do feyto,
la vam olhos e rrezam,
onde vay o coraçam.

Sua.

Olhos aa pera culpar
de couſas que nam tem cura,
outros que com fermoſura
naçeram pera matar.
Guay de quem aa de paſſar
ambas eſtas no ſerão,
ſe nuns ſoos olhos eſtão!

Sua.

Se alguem for agraüado
dos ſeus olhos como ſam,
aſſy ſeja deſcanſſado
c'acuda a eſte rryſam. (1)

Trouas a huma ſenhora que ſeruia.

Quem vos poderaa ſeruir,
nem leyxar de o fazer!

---

(1) Fl. 144 v. e 145.

que

que nuum' amingo o poder
& n'outr' ao conſſentyr.

Mas nam compre de buſcar
caminho neſta verdade,
poys tam bom he de deixar
a vyda pola vontade.
Entam podereis ſentyr,
quando me vyrdes morrer.
que moyro por vos ſeruyr
ſem ouſar de o fazer. (1)

Trouas que fez o conde ao barão, porque vindo com el rrey d'Almerrym para Lixboa em hum batel, ſe-lhe deſtemperou o eſtamago, & ſahyo em huuma çirvilha, a fazer ſeus feytos em huuma lezira.

Abaixo d'Eſcaropym,
a traues de Saluaterra
o baraão ſahyo em terra,

(1) Fl. 79 v.

quanto

quanto trouxe d'Almeyrym.
Muyto perto hy de fronte,
numa muy pequena ylha,
acodyo huma çervylha
& leuou ho a por em monte.

Outra ſua.

Deyxou o barco & as rredes,
por ſeguyr o ſaluanor,
fez os milagres que vedes
ant'el rrey, noſſo ſenhor.
Quando o viram desfraldar,
o arraiz, temeo a chea
& bradaua: çea, çea,
cara vos ha de coſtar! (1)

Trouas moraes.

Tyuera mays que perder,
ſe mays tempo eſperara,
mas folgara de o ter,
porque menos me cuſtara
ter mays vida ſem prazer.
Tyue tempo & quys vyda,

(1) Fl. 81 v.

que

que nam ter mylhor me fóra,
acababa & perdyda,
com myl males bem ſoffrida,
pera ſe perder num' ora.

Mudança nam da luguar
pera mudar a vontade,
mas fez-me deſenguanar,
que foy mylhor acabar
conheçendo a verdade.
Eſperando por mylhor
paſſaua danos contente,
conheçendo o deſamor,
que quando vy o pyor,
na verdade nam me mente.

He engano nenhuum bem,
nem prazer que lyure ſeja,
poys que quando ſe ſoſtem,
aynde-'e por mal de quem
ſe deſtrue no que deſeja.
& em fym por couſa çerta
tudo fica douydoſo,
ſe nam huma encuberta,
com que vontade conçerta,
deſconçerto eſpantoſo.

Folguara de ver paſſar
triſtes penas de ſoffrer,
pera d'elas me lembrar
& ſoffridas enguanar
pera outras o poder.

Deſejando ſofrimento,
cuydando que lembraria,
& ſe meu padeçymento
nan deſſe conſſentymento,
ca lembrança m'o darya.

Tudo vejo acabado,
tudo ja eſprimentey;
pera ſer deſenguanado,
que de todo mal paſſado
em mor pena me ſaluey.
Saluey-me pera perder
deſejada perdiçam,
& guanhey em me valer,
para ſempre padeçer
minha triſtre ſaluaçam.

Quem dira males primeiros
d'enguanado fengimento,
julguados por derradeyros,
ſoffridos de verdadeyros
em compryd'eſqueçymento.
Quem tempo perde por ſſy,
pague o em ſua vida,
que ſe nyſſo mereçy,
nam ſſe ganha nada aſſy,
ſe nam com rrezam perdida

Foy forçado acabar
ſem vontade de ſaber,
que me nam poſſ'emguanar,
querendo meu mal paſſar

enguanado do prazer;
Mas, porque me falleçeſſe
tomar yſto por conforto,
quys ventura que ſoubeſſe,
que, querendo o que quiſeſſe,
nam me quer viuo nem morto.

Quiſera poder ſſeguyr
o que tam craro entendo,
ſe podera conſſentyr;
mas quando quero fogyr,
apartando-me me prendo.
Nam ſam liure, nem catiuo,
poys per força ſſam yſento,
ſojeyto de mal eſquiuo,
& aſſy triſte, como viuo,
de catiuo me contento.

Cabo.

Querey ja dar concruſam
ha vida deſordenada,
day lugar, ou defenſſam,
poys que boõs dous meyos ſam:
te-la, ou ſer acabada.
Aquelle que mays quereys
he o mayor bem qu'eſpero;

 por

por yſſo nam dilateys,
qu'em nenhuum d'eles podeys
tyrar-me o que mays quero. (1)

Trouas que o conde do Vimioſo mandou de Santos a dom Rrodriguo de Craſto, que eſtaua na Beira, per dom Joam Lobo, ſeu genrro, em que lhe manda nouas de tres damas, a que elle chamaua as tres Guiomares.

Das tres grandes Guyomares
aquela que qua leyxaſtes,
ſyngular das ſyngulares,
nam me leyxam ſeus peſares
dyzer como lhes lembraſtes.
Mas pois toco na trindade
fazendo vberticlos,
chamam a vos ſuma ydade,
& quanto aa ſaudade:
nam naçeſtes para nos.

(1) Fl. 82 v. e 83.

Proſeguyndo ha rrezam,
perdoe voſſa merçe,
que m'eſtorua a payxam
tambem, porque dom Joam
nunca quys perder mare.
entendey-me por açenos:
porem nam vos emforqueys,
& poys tudo conheçeis,
per hum pouco mays ou menos
ja, ſenhor, bem m'entendeis.

Quys ficar em Santarem,
mas nam ſey porque o quys,
aquela que mays vos tem,
por quem nam vyuem tambem:
outros ſeſſenta d'Auys
nam ſabemos ſſ'a de vyr,
ſe ſſe vay par' Azeytão.
mas deſyſto preſumyr:
he alheo o fengir,
ſendo minha a paixam.

A outra por encubertas
veyo todo eſte caminho,
enjeytando couſas çertas
polas venyaes profertas,
tam çertas de dom Martinho.
faz-ſſe ſanta neſtes ſantos,
por nos dar mores aferes,
faz-ſſe-me chea d'eſpantos.
mas, oo mys ſecretos lhantos!
cum preuerſſo preuerteris.

Fym.

Fym.

O falar na derradeira
tenho eu por grão periguo,
porque vos eſtaes na Beyra:
eu, ſe cuydo na primeyra,
quero calar o que dyguo.
vay m'aſſy deſſymulando,
que me rrezão ja rreſponſſo;
mas eu vou-me confortando,
porque brado por Hernando,
& ela morre por Alonſſo. (1)

Trouas saphicas.

O morto ſentido de viuo ſentir,
valido engano d'enganoſo valer,
começo de couſas qu'em nada vam ter,
poucas cautellas, gram preſſumyr,
perdido o geral, geral no fengyr;
eſtreytos preçeytos de bem te tratar
por muytos que fazes, em tudo falar,
te deue, quem ouue, ſempre [de] ſeruir!

O doç'eſcondido, nojoſo rrumor,
que nome porey a tu exçelençia!
que tu nam es obras, nem es eloquençia;

(1) Fl. 82.

mas

mas d'aqui naçe teu doçe ſabor,
ſaber-te na vegua & nam ſer ſenhor,
& eſte ſaber porem goarneçido,
que poys per ſyſo em ty he perdido,
vede, que fara hum gram ſemſabor!

Mas quem averiam que nada cuydaſſe
que de ty podia moſtrar nem dizer,
ſe aquilo que fyca par'o entender,
em bem ſe calar ſe nam declaraſſe.
ſam coufas ſem nome: que quem nas moſtraſſe,
per exçe *(sic)* de poucos ynd' as fyaria,
porque nam cayſſem em tal fanteſya,
que ja decraradas as mays nam danaſſe. (1)

Vilançete.

Meu bem, ſem vos ver
ſe vyuo huum dia,
vyuer nam queria.

Caland'e ſoffrendo
meu mal ſem medida,
myl mortes na vyda
ſynto nam vos vendo.
& poys que vyuendo
moyro toda vya,
viuer nam queria. (2)

---

(1) Fl. 85 v. e 86. (2) Fl. 85 v.

INDEX

Aprouaſſam do santo Officio 3
Dom Anriqve de Portvgal. A nobreza deſte Reyno 5
Dom Antonio d'Attaide a Dom Anrique de Portugal 9
Ao Leyctor 13
Dom Antonio d'Attayde ao primeiro Conde do Vimioſo Dom Franciſco de Portugal. Soneto .. 15
Nuno de Mendoça ao meſmo Conde do Vimioſo. Soneto 16
Ao meſmo Conde, de Dom Anrique de Portugal ſeu Netto. Soneto 17

PRIMEIRA PARTE

Sentenças do primeiro Conde do Vimioſo Dom Franciſco de Portugal 21

SEGUNDA PARTE

Ovtras sentenças em verſo do meſmo Conde .. 43

TERCEIRA PARTE

POESIAS DO CANCIONEIRO GERAL

Ajuda a uma cantiga de Ayres Telez 69
Cantigua do conde do Vymyoſo 69
Outra ſua. 70

Sua & cabo 70
Cantigua ſua 71
Cantigua do conde 71
Outra ſua. 72
Outra ſua. 73
Cantigua ſua.. 73
Outra do conde 74
Cantigua ſua.. 75
Outra ſua. 75
Outra ſua a Ayres Telez, porque se apartaua d'ele 76
Outra ſua a uma confiſſam. 77
Cantigua do conde a huuns bocaes do baraão, forrados de pano & muyto eſtreitos 77
Cantygua do conde ao barão & a Iorge da Silueira & Luis da Silueira, porque todos tres fezeram huma cantiga a dom Pedro de Souſa ſobre huma capa Françeſa que fez.. 78
Outra ſua a outro propoſito, a que chegou Guerra, o porteiro 79
Outra ſua, porque, paſando ſua dama do coro, lhe fecharam huuma porta, donde a vya 80
Eſparça ſua 81
Pregunta do conde do Vimioſo a Garcia de Rreeſende 81
Reſpoſta a Luis da Silueira e João Rodriguez de Sa que lhe dirigiram trouas por trazer no barrete um coraçam d'ouro. 82
Reſpoſta a uma troua que Ayres Telez lhe fez por ter falado a D. Joana Manuel num ſerão de Quareſma 83
Do conde do Vymyoſo a huma ſenhora que ſeruia 84
Outra ſua. 84
Troua a D. Beatriz de Sa 85
Troua a D. Beatriz de Vilhena aconſelhando-lhe que ſe guarde de ſoberba e deſprezar ninguẽ .. 85
Troua a D. Guiomar de Menezes 86
Trouas a Jorge d'Oliueira rendeiro da Chancelaria porque leuou a Jorge de Melo doze mil